



# O XI DE AGOSTO

ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO «XI DE AGOSTO»

REDATOR CHEFE: DALMO DE ABREU DALLARI

ADMINISTRAÇÃO: RUA 7 DE ABRIL, 264 - 6.º - TEL. 36-7060

ANO III

SÃO PAULO, 9 DE JULHO DE 1954

N.º 4

## O GIGANTE DA DEMOCRACIA

Dalmo de Abreu Dallari

Viver pela pátria é tão sublime quanto morrer por ela. Quantos são os que não exultariam em morrer pelo Brasil, se preciso fosse, e que, entretanto, não vivem por ele, mas pelo contrário contribuem maléficamente para conduzi-lo à ruína.

O 9 de Julho é bem uma advertência do que pode suceder quando somente com o sangue de seus filhos pode resgatar um país a sua dignidade. Vitimado pelo assalto de uma camarilha, tomou o Brasil a mais constringedora situação. Era uma catástrofe que só por outra se poderia redimir e São Paulo, pelo seu passado de lutas, de glórias e de sacrifícios em favor da Nação, foi a vítima escolhida. Gigantesco haveria de ser o sacrifício e somente uma "Ca de gigantes" o poderia suportar. Vieram os dias da terrível provação e São Paulo a tudo suportou heroicamente. Derrotado embora, aniquilados e exilados os seus mais ilustres filhos, o seu exemplo, contudo, produziu os frutos de uma vitória. Mas a vileza, quase sempre, mora no coração humano a espera do momento de se exibir e muitos dos heróis que haviam exposto a própria vida pela redenção da Pátria, trairam e acabaram por se reunir ao grande leão. E os poucos que tentavam implantar no país regime do débito e da imoralidade foram muitos, aumentados pelo contingente dos traidores da causa nobre. Tocados uns pela ambição econômica e outros pela volúpia do mando; enganado um povo pelas manobras, de um cinco ditador e de seus asseclas, recaiu o país na mais constringedora indignância. E o que vemos agora — sentindo dilacerar-se o nosso coração de patriotas — é o Brasil à mercê de um grupo de imorais aventureiros. Desordenadamente, nas próprias Casas Legislativas teve guarida a imoralidade e os que se nos antolha é o achincalho das mais sagradas instituições nacionais. De todos os recantos do solo brasileiro exultam-se protestos. Palavras vibrantes clamam contra os crimes praticados discriminadamente contra a Pátria. O Brasil necessita de reerguimento econômico, de reerguimento político, de reerguimento moral. Mas as palavras perdem-se no espaço, pois de nada valem acusações contra os que têm a imoralidade por título de glória. O momento é de ação e uma enorme responsabilidade pesa sobre os ombros dos Acadêmicos de Direito. Animado pelo passado de glórias da Faculdade de Direito, deposita o Brasil as suas esperanças na mocidade do Largo de São Francisco, por saber que eia ainda é capaz de ideal, de civismo, de coragem. A mocidade não pode decepcionar. Líder de si mesmas, deve-se constituir em guia da grande força desorientada que é o povo. Conduzindo a palavra brilhante de seus oradores aos mais afastados recantos da cidade, deve orientar o povo e mo-

(Continua na 2.ª pag.)



## TRADIÇÕES E REMINISCÊNCIAS

A rebelião de 3 de outubro de 1930, desencadeada no país pelos chefes inconfidáveis da Aliança Liberal, derrotados nas eleições de 1.º de março, calcava-se em alardeante programa de reforma, vazio de sinceridade. Destruída a ordem constitucional então vigente, sob cuja égide goiou-se a nação por mais de um século, seguiu-se em todos os Estados o mais desenfreado assalto às posições oficiais.

São Paulo, especialmente visado, tornou-se campo propício às mais extravagantes aventuras que a história um dia pormenorizadamente relatara. Afastados da direção dos negócios públicos os paulistas que ingenuamente acreditaram nas promessas dos invasores, ajudando-os no sinistro empreendimento da ocupação militar do Estado — infrenes camparearam o livre arbítrio e a anarquia administrativa em Piratininga. As tergiversações do chefe do governo provisório por outro lado, fugindo ao compromisso de convocar a nação para o pleito eleitoral, de onde sairia a nova constituição da República, determinaram verdadeiro estado de ansiedade no povo paulista, ferido na sua dignidade de povo cioso da sua autonomia jurídica, de sua liberdade de ação em prol do engrandecimento próprio e do Brasil, segundo o seu destino histórico. A revolução desse estado de espírito para uma exaltação incoerente foi rápida. Fomes e marcantes as etapas assinaladas.

Refletindo o desespero em que vivia São Paulo — desorganizado o ritmo do seu trabalho, desarticulada sua vida social, paralisadas suas atividades culturais — conta-se a primeira manifestação de repulsa a tão desagradável situação no movimento de 28 de abril de 1931, quando parte da oficialidade da Força Pública tentou sublevar os quartéis da Luz, falhando o golpe talvez por falta de melhor entrosamento com outras entidades sociais. Estava lançada a semente da união de São Paulo.

De extraordinária significação foi o comício de 25 de janeiro de 32, na Praça da Sé.

Em comemoração à data da fundação da cidade, comprimias-se, às 21 horas daquele dia em frente à catedral, imensa massa popular, atenta e curiosa. Do alto da escadaria falou Antonio Covello. Seu vulto agigantado, largos ombros entroncando enorme cabeça coberta de ásperos cabelos, envolvimento de rosto severo em negra e erizada barba, como que emergindo sua figura dentre as colunas de granito da igreja em construção, pareceu maior ainda. A palavra altisonante do tribuno ecoou pelas dobras da colina sagrada, onde São Paulo nasceu, como um grito de guerra contra a funesta ocupação do Estado pelas hostes outubristas de 1930.

A cada frase do orador, correspondia a multidão fremente de entusiasmo, condenando a inepta humilhação imposta a São Paulo e ao país, isto é: o estado de coisas então reinante e as intenções que se liam nas entrelinhas dos dubios escritos oficiais de prolongar indefinidamente a ditadura do Brasil, entregue São Paulo, como "campo de experiência" no dizer do sr. Juarez Távora, no domínio dos "tenentes", assim chamados os chefes moços da revolta que, vencedora, suprimira a carta constitucional da Nação. Aparentemente impressionado com a crescente intensidade da reação branca que se notava em nosso meio, nomeou o chefe do Governo Provisório interventor no Estado, o embaixador Pedro de Toledo, dispensado de tais funções e coronel Manuel Rabelo, do grupo dos tenentes, o qual passou a comandar a 2.ª Região Militar. Dava no mesmo. Continuava a pressão sobre a terra bandeirante. Não contou Pedro de Toledo, entretanto, com a indispensável liberdade de movimentos à organização do seu governo. E de tal modo marchavam as coisas que, já em maio, não havia ainda podido o interventor civil e paulista nomear sequer um secretário. Queriam os tenentes que fossem sorteados dentre os seus correligionários os auxiliares do interventor. Resistia este à insinuação, alegando que lhe prometera o chefe do governo provisório plena liberdade na escolha do seu secretário. Daí a dificuldade. Com o fim de desmovê-lo, veio do Rio o sr. Osvaldo Aranha, ministro da Fazenda. Hospedando-se em casa do antigo senador Freitas Vale, seu parente, conferenciou com o interventor Pedro de Toledo, fazendo-lhe ver que a composição do governo deveria ser tenentista. Quando se tornou pública essa advertência, a multidão, que à notícia da chegada do enviado do ditador desde a véspera afluía ao centro da cidade, já se tendo registrado choques sangrentos, com mortes entre estudantes e populares, de um lado e a polícia da ditadura do outro, dividiu-se em duas partes, seguindo uma para Vila Mariana, onde se localizava a residência do sr. Freitas Vale, e a outra para os Campos Eliseos, guiada pelo tribuno Ibraim Nobre, o qual, do parque do palácio do governo, dirigiu ao embaixador Pedro de Toledo a famosa apóstrofe que os jornais da época publicaram:

"Sr. Embaixador Pedro de Toledo.

Estamos algemados e algemados dentro de uma senzala. E V. Excia. sr. Pedro de Toledo, está preso conosco. V. Excia. deve sair e com estes homens vir à rua reivindicar a vossa liberdade. V. Excia. está no fim da vida e deve escolher: um simples epitáfio ou uma estátua?"

Funda foi a impressão que as palavras daquele homem de fisionomia de asceta, voz cheia e pausada, gestos dramáticos, alto e macilento, cabeça leira ondeada revolta produziram no Embaixador Pedro de Toledo e presentes — representantes da frente única paulista que se havia formado. Não funda que se anunciava daí a momentos a formação do governo à revelia do sr. Osvaldo Aranha que, a essa hora, já havia abandonado a Vila Kirial, dirigindo-se às pressas para a sede da 2.ª Região Militar e daí para a estação do Norte de onde rumou para o Rio, em composição de emergência.

As horas tumultuárias desse memorável 23 de maio de 1932, sucederem noite suave, propícia às reflexões e ao abrandamento das paixões mais exaltadas. Estava selada a união bandeirante, dependendo do futuro da sinceridade de propósitos dos homens do governo provisório, os famosos moralistas vencedores de São Paulo, em 1930.

Os dias que se intercalaram entre 23 de maio e o 9 de julho foram dias entrecortados de vigílias e de exaltações em Piratininga. No chão movido da revolução que se aproximava, nada fez o Governo Provisório que demonstrasse a intenção de desviar o curso dos acontecimentos. Ao contrário disso. Enquanto da parte do governo bandeirante todo o esforço era feito no sentido da paz, erros e injustiças diariamente desabavam sobre São Paulo. Desdobrada a bandeira da reconstitucionalização do país, à sua sombra seguiram os próprios órgãos de compressão, para cá destacados pela ditadura. A união dos paulistas galvanizou a fisionomia espiritual do Estado, fazendo desaparecer, como por encanto, toda espécie de ressentimentos porventura existentes entre os netos de João Ramalho. Para a glória, que é o supremo sacrifício, São Paulo marchou como um só homem.

(Do livro "São Paulo em Quatro Séculos", obra organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico, sob o patrocínio da Comissão do IV Centenário).

### O Papel...

(Conclusão da 13.ª pag.)

fileiras, que voltaram em marcha-marche para a Faculdade de Direito, Estacando à testada do prédio, prestaram a primeira continência às bandeiras nacional e paulista que, irmanadas, se penduravam de suas janelas.

—o—  
Não poucas linhas desta crônica não se poderia dizer mais do heroísmo dos rapazes da velha Faculdade de Direito. Nesse ligeiro alinhavo de recordações de movimento mais glorioso de São Paulo, deixo o penhor de minha admiração por essa altiva mocidade.

### O Gigante...

(Conclusão da 1.ª pag.)

trar-lhe o quanto podem e desejam fazer por ele. Conquistada a confiança popular, aí então se poderá convocar uma grande concentração humana e na praça pública, sob o manto protetor do Cruzeiro do Sul, proclamar aos governantes a reação do povo. Não uma reação sangrenta e desordenada, mas uma reação consciente, elevada, dirigida para um ideal. Os homens das oficinas, da lavoura, das fábricas, do comércio, das letras, das ciências das artes, formarão um todo compacto e baseados na força de seus argumentos e no argumento da sua força darão ao país um governo digno. E assim teremos um Brasil verdadeiramente gigante.

Gigante na extensão gigante nas riquezas, gigante na cultura e gigante na prática da democracia.

# NOVO PROFESSOR DAS ARCADAS

## DADOS BIOGRÁFICOS

Nasceu a 28 de fevereiro de 1909 em Jaboticabal, neste Estado. No Ginásio S. Luiz daquela cidade concluiu os seus estudos secundários em 1922. Não obstante ter sido aprovado em 3.º lugar com bagagem próxima de distinção, nos vestibulares para a Escola Politécnica de São Paulo, em fevereiro de 1923, deixou de matricular-se naquela Escola por obstáculo de idade. Fez então, em março de 1923, os vestibulares para esta Faculdade e nela ingressou.

Desde um discurso pronunciado no Centro Acadêmico XI de Agosto a 13 de Junho de 1925, contra a instituição de pena de morte para crimes políticos preconizada pelo Presidente Artur Bernardes, tornou-se um dos estudantes de mais intensa vida política nas Arcadas. Foi um dos líderes, na Faculdade, da greve nacional de estudantes declarada, no 2.º semestre de 1925, contra atos do professor Rocha Vaz, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, também um dos líderes da introdução do voto secreto nas eleições do Centro, ainda no mesmo ano de 1925, introdução em virtude da qual se elegeram os dois primeiros Presidentes não saídos da então chamada Situação Acadêmica — Afonso Martins Ribeiro, em 1926, e Joviro Gonçalves Foz, em 1927.

Representou a Faculdade no 1.º Congresso Brasileiro de Estudantes de Direito, em 1926 na cidade de Belo Horizonte, onde relatou uma tese sobre Revisão Constitucional, objeto de um voto de louvor do plenário, que a aprovou unanimemente, e publicada no "XI de Agosto", de cuja Comissão de Redação fez parte. Foi o relator da reforma dos Estatutos do Centro em 1926. Com João Batista de Arruda Sampaio e outros, iniciou, na Academia, a campanha pela Universidade. Colou grau de bacharel em direito a 11 de agosto de 1927, no dia em que a Faculdade completava um século de existência.

Em 1925, matriculou-se, numa turma de 30 estudantes, na Faculdade de Filosofia e Letras de S. Bento, agregada à Universidade de Lovaine, e hoje integrante da Universidade Pontifícia de São Paulo. Nela se formou, reduzida a turma a ele só, em março de 1928, depois de ter, durante os 3 anos do curso, sido sempre classificado em 1.º lugar.

Redator forense, em 1928, do "Diário Nacional", colaborou em jornais da sua terra natal, de 1926 a 1931, apoiou a Revolução de 1930 e participou da de 1932. Transferida a sua residência para S. Paulo, colaborou na «Folha da Manhã», em «Diretrizes», no Jornal de São Paulo e em outros jornais e revistas.

Como advogado imprimiu, só ou em colaboração com colegas, 21 "plaquetes" forenses, entre as quais se destacam — "Uma investigação de paternidade", 1944 e 1952, "Direito Atropelado", em 1953, "Direitos autorais dos es-

## Dr. Alberto Moniz da Rocha Barros, livre-docente de Introdução a Ciência do Direito — A tese de concurso.

critores", em 1946. Em 1941, traduziu, prefaciou e anotou o ensaio "Sobre a Liberdade", de John Sturat Mill, publicado pela Cia. Editora Nacional.

Eleito membro do Conselho Secional do Estado de São Paulo da Ordem dos Advogados do Brasil para o biênio 1947/8, foi reeleito em todos os biênios seguintes, havendo sido 1.º Secretário da Secção no biênio 1951/2. É membro do Instituto dos Advogados de S. Paulo desde 1943. Na "Revista da Ordem dos Advogados-Secção de S. Paulo", tem publicado frequentemente trabalhos tais como — "Origens políticas e traços gerais das inovações do Direito Brasileiro — 1930/1942", "A Legislação Trabalhista Brasileira — Antes de 1930/37 e Estado Novo", "A relação de emprego na advocacia de partido", "Os juizes em disponibilidade e o exercício da advocacia", "Assistência do Estado aos Municípios", "Honrar Filho e Filho", "Preocupação Purista" e outros. Em 1950/51, foi titular da coluna dominical — "Direito e Vida", abertura da Secção Forense do matutino "O Tempo", desta Capital, de cujos artigos apresentou uma coleção ao se inscrever para o concurso que recentemente fez nesta Capital. Sua atividade forense tem-se exercido, sobretudo, em 2.ª instância, sendo frequentes suas sustentações orais nos tribunais desta Capital e do Rio de Janeiro



Dr. Alberto Moniz da Rocha Barros, novo livre-docente da Faculdade de Direito.

Advogado do Departamento Estadual do Trabalho de 1931 a 1943, exerceu, interinamente, em 1942/43, a Diretoria da Procuradoria daquele Departamento ocasião em que consolidou, em longas Instruções, as atividades disciplinares daquele serviço. Foi assessor jurídico da Representação do Ministério do Trabalho em S. Paulo, em 1943, consultor jurídico do Departamento de Assistência ao Cooperativismo, em 1945, assessor jurídico do Gabinete do professor Joaquim Canuto Mendes de Almeida, Secretário do Governo, em 1950/2, tendo confectionado por incumbência deste, e, a seguir do Governador do Estado, o ante-projeto de reconstituição do Departamento de Assistência aos

Municípios. Está lotado, desde 1949, na Procuradoria Judicial do Estado, onde chefia uma das secções da Sub-Procuradoria da Fazenda-Ré. Toda essa atividade pública se exerceu no campo puramente administrativo, pois se manteve alheio a filiações partidárias.

### TESE DE CONCURSO

Na sua tese para o recente concurso — «O Poder Econômico do Estado Contemporâneo e seus reflexos no Direito» — sustentou que a realidade do mundo contemporâneo indica uma tendência única que começa a assinalar-se nos Estados Unidos, passa, em crescendo, por várias estruturas estatais, para atingir o grau máximo, exacerbado, na União Soviética. Essa tendência é a do capitalismo de Estado. "Ca e lá um colosso pesa sobre a sociedade: o Estado. Um colosso de carapuça de aço, que possui o segredo da desintegração do átomo". Os reflexos no Direito são: o esfumecimento da separação entre o direito público e o direito privado, o debilitamento dos direitos subjetivos individuais, o aumento do poder dos agentes do Estado de criarem o direito, a predominância do "status" sobre contrato, novo regime de propriedade, multiplicação dos ramos do Direito, crescente importância da norma individual — a sentença e o ato administrativo — ante a norma geral — a lei. Afirmando "não rir, nem chorar, compreender" (Spinoza), indica, no último capítulo, as diversas estimativas possíveis dessa evolução e manifesta a sua confiança na História e no Homem.

## HORTOLANDIA

VIA FERNÃO DIAS — KM. 17

## Valorização Garantida

CLIMA MARAVILHOSO

SITUAÇÃO PRIVILEGIADA

TRANSPORTE RÁPIDO

## Melhoramentos já em execução

Escritório: RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 275

Conjunto 99 — Telefones: 35-7574 — 35-4809 — SÃO PAULO

## O XI DE AGOSTO

EXPEDIENTE

Órgão oficial do Centro Acadêmico Onze de Agosto da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

REDAÇÃO ARCADAS

ADMINISTRAÇÃO:

Rua 7 de Abril, 264 — 6.º andar — sala 603 — Tel.: 36-7060

REDATOR-CHEFE

DALMO DE ABREU DALLARI

REDATORES:

ANTONIO CARLOS GALRÃO LEITE

LAURO BUENO DE AZEVEDO

NELSON RODRIGUES DO LAGO

PAULO C. N. RANGEL

SYLVIO MORAES DE ALMEIDA

COLABORADORES:

Os colegas da Faculdade

NOTA: — Os originais, mesmo não publicados, não serão devolvidos

### Nossa primeira página

O desenho que ilustra nossa primeira página, foi executado especialmente para esta edição, pelo artista Holbein Fernandes Oliveira Santos, da cidade de Santos, onde já foi premiado várias vezes. Obteve o 1.º prêmio na 1.ª Exposição de Quadros, promovida pela Cia. Docas de Santos. Artista, de grandes recursos e de imaginação fértil, conseguiu, com rara felicidade, localizar no seu trabalho o relevante papel de São Paulo nas lutas pela liberdade, travadas em solo brasileiro.

# "A DITADURA FOI UMA ESCOLA DE CRIMES E UMA UNIVERSIDADE DO ROUBO"

«NOVE DE JULHO»  
(Texto na última página)



Os heróicos moços que dirigiram a Liga Paulistas Pró Constituinte. Ao alto, da esquerda para a direita: Rui Ferreira da Rocha (já falecido); Roberto Vitor Cordeiro, presidente da Liga; José André Telles de Mattos e Antônio Gomes de Mattos. Em segundo plano: Sebastião Portugal Gouveia e Aulus Plautius Coelho Pereira. Em baixo, na mesma ordem: Manoel Carlos Ferraz de Almeida; José Fleury da Silveira; Mário Capocchi e Oscar Mélega.

## COMO NASCEU A REVOLUÇÃO

### A SITUAÇÃO EM SÃO PAULO

Muito antes do 9 de Julho já se lutava em São Paulo pela Constituinte. Na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco essa idéia vivia entre os moços e extravazava em palavras inflamadas, em planos arrojados, que vizavam reconduzir o país à sua dignidade. E um grupo de acadêmicos iniciou a luta que algum tempo depois seria o mais belo movimento cívico já realizado em nossa terra. Todo o povo paulista estava revoltado com a situação reinante. Os políticos que em 1930 haviam auxiliado o Sr. Getúlio Vargas a apossar-se do poder haviam sido traídos por ele. Entretanto, os políticos paulistas não tomavam atitude positiva. Parecendo mesmo recuos, procuravam entrar em entendimentos com os ditatoriais para que dessem ao Brasil a Constituinte. Aproveitando-se dessa passividade, os agentes de Vargas manobravam hábilmente para consolidar a sua situação. No silêncio dos bastidores políticos, Oswaldo Aranha, Góes Monteiro, João Alberto e outros, velhas raposas do golpe, tudo faziam para sufocar as forças capazes de reação.

### OS ESTUDANTES E O CORONEL THEOPOMBO

Aos moços não passavam despercebidas as manobras da ditadura e viam eles claramente nos movimentos dos agentes getulistas, a intenção de continuar indefinidamente no poder, sem a Constituinte. Sabiam os jovens acadêmicos que o povo ansiava pela reação que não vinha e que dentro do Exército e da Força Pública de São Paulo o descontentamento era o mesmo. Por essa época, chefiava o Estado Maior da 2.ª Região Militar, sediada em São Paulo, o Coronel Theopompo Godoy e Vasconcelos. Por várias entrevistas concedidas aos jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, manifestara-se o Coronel contra a situação reinante e se pronunciara veementemente a favor da volta do país à legalidade. Muito cara lhe haveria de

sair a intrepidez. Entre os acadêmicos havia um grupo mais exaltado, disposto a tudo pela reconstitucionalização do País e assim foi que resolveram organizar-se para lutar pelo seu ideal. Nesse grupo estava o acadêmico Antônio Gomes de Mattos que além de acadêmico de Direito mantinha estreitas relações de amizade com o Coronel Theopompo. Por seu intermédio soube aquele militar da idéia dos acadêmicos do Largo de São Francisco e passou a colaborar com eles. Solicitada a sua opinião a respeito do que pretendiam fazer, assim se expressou: "Urge formar um partido em torno da idéia da Constituinte, ficando as demais idéias para discussões posteriores. Convém no manifesto mostrar ao povo o papel indecoroso dos políticos que esqueceram tudo para terem posições". Pouco tempo depois era preso o Coronel Theopompo sob a acusação de conspiração. Mais tarde, em entrevista concedida no Rio de Janeiro a "Vanguarda", relatava o que fora a "intenção de Quitaúna", pretexto de sua prisão: "Assim, a intenção de Quitaúna se reduzia ao seguinte: alto comando: um oficial e um civil; tropa: dois sargentos. Tudo em conversa." E mais adiante: "Vindo aqui para o Rio, depois de 12 dias de incomunicabilidade, requeri habeas-corpus, para que cessasse essa medida. No regime ditatorial, sendo a liberdade um favor, sabia bem que seria em pura perda requerer habeas-corpus para ser pôsto em liberdade, não obstante os erros de que está crivado o inquérito. Julgo que pretenderam me enquadrar no crime de conspiração. Mas lá estava no art. 87 do Código Penal Militar a exigir um certo número de pessoas para a caracterização desse crime." Não obstante a prisão do Coronel, continuaram os moços a trabalhar pela sua idéia. Em meados de Outubro de 1931, o grupo de acadêmicos de Direito, juntamente com alguns estudantes das demais Faculdades, deu início aos trabalhos para a fundação da Liga Paulista Pró-Constituinte, tendo sido a diretoria provisória composta pelos se-

guintes estudantes: Antônio Gomes de Mattos, Mário Angelo Capocchi, José Andrade Telles de Mattos, sendo os dois primeiros da Academia de Direito e o último da Escola Politécnica. Levantada a idéia, houve adesão em massa dos estudantes de todas as escolas de São Paulo, além de altas personalidades alheias à classe, salientando-se o engenheiro Plínio Queiroz, o Coronel do Exército Theopompo Godoy e Vasconcelos, que exercera até há pouco a elevada função de chefe do Estado Maior da 2.ª R. M. e já tivera contactos com os estudantes, juristas Paulo de Lacerda e João Mangabeira, Dr. Antônio Pereira Lima, jornalista Dr. Júlio de Mesquita Filho e Paulo Duarte e muitas outras personalidades, sendo de notar, entretanto, que faltou à Liga o apoio dos políticos que não acreditavam na viabilidade do movimento.

### ATIVIDADES DA LIGA

Com o grande volume de adesões, foi finalmente a Liga Paulista Pró-Constituinte instalada à Rua Cristóvam Colombo n.º 1, 4.º andar-sala 47, em frente à Academia de Direito, nas dependências do Instituto de Engenharia de São Paulo que lhe deu apoio integral. Realizada a eleição para a diretoria definitiva, ficou ela assim constituída: (Conclui na pag. 9)

## O Braço de Armas da cidade

Sua instituição pelo prefeito Washington Luís — A abolição dos escudos, armas e bandeiras de caráter regional — Restabelecimento e uso do braço — Como o explica seu próprio autor

Nestes dias festivos em que se comemora a passagem do IV Centenário de São Paulo, sempre que possível, e o mais que for possível, observadas apenas as restrições que o bom senso aconselha, deve-se fazer largo uso do braço de armas da cidade como motivo ornamental. É a própria Comissão responsável pelo bom êxito das comemorações que o sugere e recomenda, no intuito de avivar os sentimentos de amor à terra paulista, que neste momento se ufana de em quatrocentos anos tanto haver contribuído para o progresso do Brasil em realizações diante das quais todo o país se detem orgulhoso.

### A INSTITUIÇÃO

O braço de armas da Cidade e do Município de São Paulo foi instituído em 1917, ao tempo em que era Prefeito o dr. Washington Luís Pereira de Souza, por ato de 8 de março, que recebeu

Encima o escudo coroa mural d'ouro, de quatro torres, com três ameias e sua porta cada uma.

Suportes: dois ramos de café de sua cor.

Divisa: NON DUCOR, DUCO de góles em um listão de prata. SEU USO POR PARTICULARES

Instituído o braço, seu uso foi regulamentado por lei de 22 de fevereiro de 1919, que recebeu o número 2.173 e vedava aos particulares usá-lo. Com o advento da carta de 10 de novembro de 1937, foram abolidos todos os escudos, armas e bandeiras de caráter regional, e, assim, revogada e legislação a respeito.

Restabelecida mais tarde, pela Constituição Federal, a permissão para o uso dos referidos braços e bandeiras, em 1947 uma nova lei municipal, a de número 3.617, por sua vez restabeleceu o braço tal como fora instituído, silenci-

tura dados ao estudo da heráldica. Entre esses intelectuais estava o poeta Guilherme de Almeida, que apresentou um excelente trabalho, sendo assim o vencedor da concorrência.

Dêse trabalho, em que se baseou mais tarde a redação do ato municipal n.º 1.057, de 8 de março de 1917, constava o desenho, que é de autoria do pintor paulista Wast Rodrigues. O sugestivo lema "Non ducor ducor", ao contrário do que possa parecer, não é citação de frase latina que porventura já houvesse surgido algures e se tornasse adequada, mas original, e feliz concepção do principal autor do projeto.

### O SENTIDO DO EMBLEMA

"A linguagem heráldica, — explica Guilherme de Almeida — sendo, como toda terminologia técnica, inacessível ao leigo, natural é que prestem esclarecimentos sobre o sentido do emblema que representa oficialmente a grande Cidade que ora festeja o IV Centenário de sua fundação.

Como todo distintivo, o da nossa Municipalidade é um conjunto de símbolos de base histórica, social, espiritual e artística. Representa ele um escudo arredondado na parte inferior, esmaltado de vermelho, e tendo ao centro um braço de aço, de armadura da Idade Média, que empunha uma bandeira branca (ou de prata), de quatro pontas, presa a uma lança terminada em machada, e ostentando no meio uma Cruz de Cristo, que é vermelha, de pontas triangulares e aberta no centro dos braços. Sobre o escudo há uma coroa chamada mural (em forma de fortaleza), toda de ouro. Como ornatos exteriores, o emblema tem, à direita e à esquerda, ramos de café, verdes, com suas frutas, vermelhas, e atados em baixo, por uma fita branca (ou prata) trazendo esta inscrição latina, em caracteres vermelhos: NON DUCOR, DUCO.

O que significa tudo isso. — O escudo, arredondado na parte inferior, chamado "português", lembra a raça dos descobridores e colonizadores, de que descendemos. Vermelho, porque, em heráldica, essa cor significa "Vitórias, ardis, guerras". O braço de aço, ou "dextrochério, representa a ação proveitosa, forte e continua, que tem sido a dos Paulistas em prol da Pátria comum. A bandeira branca (ou de prata) é a figuração das "bandeiras" conquistadoras da terra e dos bens do Brasil: as quatro pontas, em que é cortada, lembram os quatro pontos cardiais (Norte-Sul-Este-Oeste) que demandaram os "ban-

(Conclui na pag. 9)



o número 1057, de um único parágrafo, que dizia:

"O Braço de armas da cidade e município de São Paulo consta do seguinte: — "Escudo português de góles com um braço armado movente do flanco sinistro empunhando um pendão de quatro pontas farpadas, ostentando uma cruz de góles, aberta em branco sobre si, da ordem de Christo, içada em haste lanceada em acha d'armas, tudo de prata.

ando, porém, quanto à proibição de uso por particulares, de forma que este se tornou, de novo, tucultativo.

### OS AUTORES

Quando deliberou instituir o braço, o ilustre brasileiro que àquele tempo estava à testa do Executivo Municipal e que mais tarde foi presidente da República, mandou abrir para isso uma concorrência pública, na qual se inscreveram vários homens de cul-



## CIA. ESMERALDA DE IMÓVEIS

INCORPORAÇÃO DE CONDOMÍNIOS • CORRETAGEM DE IMÓVEIS  
ADMINISTRAÇÃO PREDIAL • CASAS POPULARES • LOTEAMENTOS

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 344 - 9.º ANDAR - FONES: 33-1663 - 35-9612 - 35-9613 - SÃO PAULO

# DOIS NOVOS MARCOS NA HISTÓRIA DE SÃO PAULO

**21 de agosto:**  
**EXPOSIÇÃO DO IV CENTENÁRIO**

**12 de outubro:**  
**FEIRA INTERNACIONAL DE SÃO PAULO**



Se você deseja qualquer informação sobre a  
Exposição do IV Centenário e a I Feira Internacional de São Paulo, escreva à

**COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO**

RUA 24 DE MAIO, 250 • 7.º ANDAR • SÃO PAULO • END. TELEGR. "QUARTOCENT"

## Festividades e Exposições

### JULHO :

Exposição Nacional de Numismática  
Apresentação do Bailado IV Centenário  
Competição de Tênis, Voleibol, Cestobol e Tiro ao Alvo  
Prova "9 de Julho" de Ciclismo  
Regata de Oceano (Internacional)  
V Campeonato Brasileiro de Tênis de Mesa  
I Campeonato Sul-Americano de Base-Ball  
Campeonato Aberto de Tênis, do Tênis Clube de Santos  
Campeonato Paulista de Tiro ao Alvo  
Torneio Início de Futebol Profissional da 1.ª Divisão

### AGOSTO :

Inauguração da Exposição do IV Centenário, 21 de Agosto

Exposição do Folclore Centro e Sul-Americano  
Exposição e Festejos do Folclore Nacional  
Exposição e Festejos do Folclore Paulista  
Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros  
III Convenção Panamericana de Engenharia  
Torneio Internacional de Tênis de Mesa  
Torneio Internacional de Box  
Torneio Internacional de Futebol  
Prova Internacional de Motociclismo (24 horas)  
Campeonato Brasileiro de Tênis  
Campeonato Brasileiro de Tiro ao Alvo

Sul-Americano de Hóquei  
Provas Internacionais de Tiro  
Taça "Cidade de São Paulo", de Futebol, com Regulação Especial (Torneio Interestadual)

### SETEMBRO :

IV Jornadas Franco-Latino-Americanas de Direito Comparado  
Pauli-Poli  
Troféu "Bandeirantes" de Atletismo, Pugilismo e Natação  
Torneio Internacional de Hóquei  
Torneio das Américas de Caça e Tiro  
XII Jogos Universitários Brasileiros  
Campeonato Brasileiro de Xadrez  
Campeonato Brasileiro de Box  
Campeonato Estadual de Tênis  
Campeonato Popular de Voleibol "A Gazeta"  
Campeonato Colegial de Esportes do Departamento de Esportes do Estado de São Paulo

### OUTUBRO :

I Feira Internacional de São Paulo  
Jogos Abertos do Interior, em Campinas  
III Prova Ciclística Rio-São Paulo, São Paulo-Rio ("Última Hora")

Prova Internacional de Motociclismo (1.000 milhas)  
Campeonato Mundial de Bola ao Césto  
Mac-Med

### NOVEMBRO :

Exposição Internacional de Filatelia  
III Conferência Inter-Americana de Contabilidade  
Campeonato Brasileiro de Ginástica  
Campeonato Brasileiro de Esgrima  
Campeonato Brasileiro de Halterofilismo  
Campeonato Brasileiro de Voleibol  
Campeonato Sul-Americano de Esgrima  
Campeonato Sul-Americano de Halterofilismo  
Campeonato de Atletismo do Estado  
I Campeonato Mundial de Futebol Universitário  
Temporada Internacional de Tênis (Copa Mitre e Patife)  
Temporada Internacional de Tênis  
Latino-Americano de Box  
Festival Internacional de Ginástica  
Troféu "Bandeira Nacional" de Tiro ao Alvo  
Inauguração do Planetário

### DEZEMBRO :

Encerramento das Provas Esportivas com a Corrida de São Silvestre

# Brazão de Armas do Estado de S. Paulo

**Histórico do Brazão — Projeto de Guilherme de Almeida e José Wash Rodrigues — A frase do engenheiro Rebouças — O decreto de Pedro de Toledo**

Até o ano de 1932, o Estado de São Paulo era o único a não possuir braço próprio. Com a eclosão do Movimento Constitucionalista essa falta passou a ser sentida intensamente, pois faltava-nos um símbolo para São Paulo. Foi quando se iniciou a campanha do "Ouro para a Vitória" e os dirigentes da campanha instituíram um concurso para a escolha de um emblema. O trabalho vencedor seria utilizado na propaganda da campanha e seria o seu distintivo.

## O PROJETO VENCEDOR

Mereceu a preferência o trabalho apresentado por Guilherme de Almeida e José Wash Rodrigues. Pela felicidade da idéia, julgaram os dirigentes daquela campanha que o emblema poderia ser adotado como braço do Estado de São Paulo. Assim foi que procuraram o Dr. Pedro de Toledo, chefe do governo paulista, por aclamação, e lhe revelaram a idéia. Mereceu inteiro apoio do grande paulista a adoção proposta e poucos dias depois era publicado decreto, instituindo o Braço de Armas do Estado de São Paulo.

## O LEMA

O lema reproduz, ligeiramente modificada, uma inscrição que o engenheiro Rebouças mandou colocar, em 1895, no reservatório da Repartição de Águas de São Paulo, sito à rua 13 de Maio. Essa inscrição, que ainda lá poderá ser vista, é a seguinte: "PRO SÃO PAULO FIAT EXIMMUM".

## O DECRETO

O Diário Oficial do Estado de São Paulo, edição de 30 de Agosto de 1932, publicou o decreto de Pedro de Toledo, que instituiu o Braço de Armas do Estado de São Paulo e cujo texto é o seguinte:

Decreto n.º 5656

de 29 de Agosto de 1932

Adota o Braço de Armas para o Estado de São Paulo. O doutor Pedro de Toledo, Governador do Estado de São Paulo, por aclamação do Povo Paulista, do Exército Nacional e da Força Pública

Decreto:

Art. 1.º — Adota o Estado de São Paulo o Braço de Armas, lançado no desenho anexo e com os seguintes característicos:

"Em campo de góles as letra

SP em chefe e uma espada em pala com a ponta ao alto e o punho brocante sobre o cruzamento de dois ramos de louro e carvalho, tudo em prata. Timbre, uma estrela de prata. Fita em góles com a divisa —

"PRO BRASÍLIA FIANT

EXIMIA" —

em letras de prata. Suportes: dois ramos de café, frutificados e de sua côr".

O Estado de São Paulo, ao contrário dos demais Estados da Federação, não possui, ainda, braço de armas. Vai possuí-lo agora, em hora oportuna como poucas. Como tudo o que é seu, como tudo o que se acha incorporado ao seu patrimônio moral e material, este braço de armas será, também, uma conquista do seu povo. Ao invés de consagrar, unicamente, glórias antigas, consagrará, também, glórias presentes. Os símbolos que no mesmo figuram viverão pelo que dizem do passado e pelo que confirmam no presente. São Paulo vive um instante de apogeu. A história de Piratininga, tão ilustre hoje como na era das Bandeiras, veio culminar

plantar e a consolidar a República e agora se levanta contra a ditadura, para salvar e redimir o Brasil. A sua missão no passado, como no presente, é de pelejar, vitoriosamente, pelas grandes causas da nacionalidade, a cujos destinos, várias vezes, tem aberto novos rumos.

O escudo é o português, como convém a descendentes de portugueses e de acordo com o uso já consagrado no Brasil. De uma só côr e um só metal, como é de bom estilo em heráldica, ficando, assim, dentro da maior simplicidade e em harmonia com o braço da cidade de São Paulo. O vermelho, esmalte representativo da altivez, da audácia e da glória, perpetua o valor do povo paulista, que jamais trepidou em afrontar as asperezas da luta e a derramar o seu sangue pelo Brasil e pela liberdade. A prata, metal simbólico da lealdade e da nobreza, alude também ao tope branco usado tradicionalmente pelos partidários da Constituição, desde os tempos coloniais, e adotado como distintivo dos soldados constitucionalistas no atual movimento revolucionário. Diz bem do caráter ordeiro da nossa gente, que somente quer viver sob o regime da lei e das garantias jurídicas, pelo qual ainda agora se bate.



nesta epopéia pelo direito e pelas liberdades públicas. A espada desbravou sertões, alargou fronteiras, fundou cidades, desmembrou-se pela Independência, cobriu-se de glórias nas guerras do Sul, ajudou a im-

As iniciais SP significam que o próprio nome de São Paulo invoca melhor o seu valor e as suas glórias do que quaisquer símbolos ou emblemas. O uso de letras iniciais está consagrado na heráldica desde os tempos antigos, o que se pode ver no armorial português, e, entre os países, na França, que adotou as letras RF, pondo de lado símbolos de grande prestígio, que poderia ostentar.

A espada romana, usada pelo apóstolo São Paulo, evoca o padroeiro do Estado. Lembra ainda o gesto de Amador Bueno, a epopéia das Bandeiras, Pedro I proclamando a Independência na colina do Ipiranga e, finalmente, a espada que, na hora atual, foi "desembainhada em continência à Lei". Os ramos de louro e carvalho consagram o valor militar de São Paulo, que desde os tempos coloniais tem sabido enobrecer as tradições de bravura do povo brasileiro, e o seu valor cívico, sempre à frente das grandes iniciativas tendentes a criar para o Brasil uma situação proeminente no concerto dos povos cultos. Como timbre, uma estrela de prata: indica que São Paulo é uma das unidades da Federação



## PEDRO DE TOLEDO

Nasceu Pedro de Toledo a 29 de Junho de 1860 em São Paulo e faleceu a 29 de julho de 1935, no Rio de Janeiro. Após concluir os preparativos, matriculou-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, tendo-se bacharelado em 1884.

Logo após a formatura, passou a residir em São José de Além Paraíba, no Estado de Minas Gerais, iniciando-se aí na carreira de advogado. Regressando a São Paulo, dedicou-se à política, tendo desempenhado, então, vários cargos de destaque na administração paulista. Foi deputado à Câmara Federal, de 1915 a 1917. Ministro da Agricultura em 1910, na gestão presidencial de Hermes da Fonseca, ingressou em 1913 na carreira diplomática, como ministro plenipotenciário em Roma e posteriormente em Madrid. Sendo transferido depois para Buenos Aires, no ano de 1922 foi elevado ao cargo de embaixador tendo sido o primeiro titular nesse posto. Abandonando a diplo-

maçia em 1925, retornou à atividade política em nossa pátria. Interventor Federal do Estado de São Paulo em 1932, tomou parte ativa no Movimento Constitucionalista, irrompido em 9 de Julho contra a ditadura de Getúlio Vargas. Sendo aclamado governador, desempenhou-se com dignidade e altivez. Malgrado o Movimento pela ação de alguns traidores, teve que seguir para o exílio, juntamente com seus companheiros Era Tenente-Coronel do Exército Nacional, tendo sido agraciado

com as insígnias da Grã-Cruz da Ordem de Cristo, pelo governo de Portugal. Pertenceu à Academia Paulista de Letras, como membro-fundador, ocupando a cadeira n.º 39, cujo patrono é Gabriel Rodrigues dos Santos, sendo sucedido por Monteiro Lobato nessa cadeira. Publicou «Centenário do Brasil na República Argentina» e «Doze discursos agradecendo homenagens», relatos dos momentos mais importantes de sua vida de extraordinário homem público.

Brasilera, simbolizadas por 21 estrelas nas armas federais. A divisa — "PRO BRASÍLIA FIANT EXIMIA" — "PELO BRASIL FAÇAM-SE GRANDES COUSAS" — afirma o profundo sentimento de brasilidade do povo paulista. Lembra o esforço de que sempre se mostraram capazes os filhos deste Estado quando a Nação exigiu deles o máximo de sacrifícios como ainda agora está acontecendo.

Os ramos de café indicam a base da fortuna pública do Estado e a tradição de riqueza que São Paulo soube criar, através de árduos trabalhos.

Art. 2.º — Entrará este decreto em vigor imediatamente, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, 29 de Agosto de 1932.

PEDRO DE TOLEDO

Waldemar Ferreira

Francisco da Cunha Junqueira

Paulo de Moraes Barros

Francisco Emygdio da Fonseca Telles

J. Rodrigues Alves Sobrinho

maçia em 1925, retornou à atividade política em nossa pátria. Interventor Federal do Estado de São Paulo em 1932, tomou parte ativa no Movimento Constitucionalista, irrompido em 9 de Julho contra a ditadura de Getúlio Vargas. Sendo aclamado governador, desempenhou-se com dignidade e altivez. Malgrado o Movimento pela ação de alguns traidores, teve que seguir para o exílio, juntamente com seus companheiros Era Tenente-Coronel do Exército Nacional, tendo sido agraciado

## A PASSEATA DOS 400

S. Paulo, 9 de Julho de 1934.

A mocidade acadêmica do Lgo. S. Francisco, sempre atenta aos momentos de grande civismo de nossa pátria, da nesta data, mais um acorde na imensa sinfonia de nossa história.

Desta feita, sob a forma de uma passeata por 400 alunos da escola.

Esses 400 alunos sairão da porta principal da Faculdade, cada um carregando a sua bandeira paulista.

Seguirão depois o seguinte trajeto:

rua de S. Bento até Praça do Patriarca;

Praça do Patriarca;

Viaduto do Cha;

rua Barão de Itapetininga;

Praça da República;

Nesse local farão alto, com 1 minuto de silêncio em reverência aos mortos paulistas, da revolução constitucionalista de 32.

O retorno será feito pelo mesmo trajeto, ou seja:

rua Barão de Itapetininga.

Viaduto do Cha;

Praça do Patriarca;

rua de São Bento,

Lgo. de São Francisco.

Durante essa passeata (a fachada do prédio da Faculdade estará completamente embandeirada) um locutor instalado na tribuna armada no lgo. São Francisco, fará a leitura das 82 efemérides relativas aos 82 dias da revolução de 32.

De maneira que quando esti-

ver sendo lida a última efeméride, as 400 bandeiras já estarão formadas no largo.

Em todo percurso serão instalados alto-falantes que nos farão cedidos por especial gentileza do dr. Luiz Cassio dos Santos Werneck.

A chegada das 400 bandeiras, portanto combinando com o término da leitura das efemérides, ocupará o microfone o Sr. Victor Augusto Fasano, presidente do C.A. XI de Agosto, que procederá à leitura do manifesto da "Ordem dos 400".

Após a leitura do manifesto farão uso da palavra, oradores especialmente convidados.

Se algum outro agradecimento deve ser feito, além daquele acima mencionado, esse será para o dr. João Di Pietro, Presidente da Associação Comercial de São Paulo.

Ainda um agradecimento, sob a forma de voto de louvor, aos 400 acadêmicos que carregarão a gloriosa bandeira paulista simbolizando os 400 anos de vida do nosso Estado.

Temos certeza de que o povo paulista saberá receber nos devidos termos o significado dessa passeata, que não é uma passeata dos alunos da Faculdade de Direito mas sim desse povo ordeiro que carregará o pavilhão de São Paulo pelas mãos desses acadêmicos.

Está fundada a "Ordem dos 400".

CASA

KOSMOS

CAMISAS Gravatas

MEIAS LENÇOS

# Data da mocidade

O Nove de Julho é uma data dos moços. Nessa data São Paulo desvendou reservas de idealismo de cuja existência muita gente não suspeitava. Dizia-se que São Paulo, por ser terra de gente rica, não brigava. Engulia tudo quanto lhe metessem na garganta. Gente rica sabe gozar a vida — quando sabe — mas não é capaz de sacrificar o seu comodismo ao serviço de ideais. Ignora, mesmo, o que sejam ideais. Foi uma surpresa para o Brasil, que sempre nos conheceu mal, a explosão de civismo com que, naquela data, revelamos ao mundo que São Paulo não era apenas um aglomerado de gente em busca da riqueza material, mas uma nação pequenina capaz de todos os heroísmos.

Se no movimento revolucionário de Nove de Julho, alguns indivíduos entraram à força, sem compreender bem o alcance do que se estava fazendo e outros meteram-se nele à cata de bons negócios, a verdade é que a maioria se deixou levar pela onda revolucionária com o ânimo de conquistar para o Brasil a liberdade que havia sido escamoteada pelo caudilho rio-grandense a quem os revolucionários de 1930, na sua ingenuidade, haviam confiado a chefia da luta contra os maus hábitos e os maus processos políticos da situação dominante. O que desejavam era que o Brasil voltasse a ser uma nação independente, liberta de quaisquer despotismos, a viver e prosperar em regime democrático assentado em larga base jurídica. Ninguém, entre esses abnegados, sonhava com recompensas desta ou daquela espécie. Ninguém esperava prémios pelo que viesse a fazer em benefício da causa comum. A todos inspirava um só ideal, que era o da eliminação do governo despotico que a revolução de 1930 havia favorecido. Aos ideais, que animaram essa revolução, voltaram os paulistas naquela data para obrigar o ditador, que os havia deturpado, a respeitar, no novo alçamento, o direito de escolher livremente o seu governo.

Se não fosse a facinação desse ideal não teríamos visto, em São Paulo, como vimos, o desdobramento de sacrifícios em todas as classes, das mais altas às mais baixas. Praticamente isolado na campanha a que se lançou sem medir consequências, sem olhar aos prejuízos que pudesse sofrer, São Paulo prestou ao Brasil, então, um serviço que poucos lhe prestariam. Movimentos políticos sempre foram, em todos os lugares, movimentos interesseiros. A abnegação não é virtude política. Da política sempre andaram longe os que se mostram capazes de imolar o seu sossego, a sua riqueza, a sua prosperidade ao bem supremo da Nação.

O movimento paulista não foi, esta claro exclusivamente político. O idealismo a que obedeceu não podia ser produto apenas de sentimentos políticos. Tinha que ser, como foi, a manifestação de um profundo amor ao Brasil e às instituições democráticas. Se, na fusão dos partidos que participaram da luta, nem tudo foi moral como a que estamos atraído é que ali predominou o ouro de melhores quilates.

Rememorar esse episódio culminante da vida de São Paulo é um dever patriótico, maxime numa era de verdadeira desagregação moral como a que estamos atravessando. As reservas de idealismo sem as quais nenhum povo se faz poderoso e se impõe ao respeito universal, precisam de ser renovadas periodicamente afim de que não se esgotem. Para essa renovação muito concorrem comemorações como a que hoje se entregam os brasileiros de São Paulo e de fora de São Paulo que, em 1932, nesta data, se ergueram contra a ditadura do caudilho gaúcho para volver à liberdade ou, então, sucumbir.

Esse movimento, como todos os de caráter idealista não foi inútil. Conquanto vencidos nos cam-

pos de batalha, os lutadores pela liberdade do Brasil viram os seus esforços vitoriosos dentro de algum tempo, quando o ditador, cedendo à pressão desses eventos, teve de convocar uma assembléa constituinte e assinar a nova Constituição republicana elaborada por aquela assembléa. O objetivo primordial da Revolução de 1932 foi alcançado, muito embora, anos depois, prevalecendo-se da ingenuidade de uns e da patifaria de outros, o caudilho rasgasse a constituição que havia assinado e impusesse ao Brasil, durante varios anos, o aviltamento de uma tirania estúpida destinada unicamente a favorecer o enriquecimento dos familiares e dos amigos intimos do chefe da Nação.

Comemorando a data de Nove de Julho, São Paulo põe o Brasil de sobreaviso contra as manobras insidiosas do ex-ditador para tentar novos golpes contra a independência e a dignidade do povo brasileiro.

O Nove de Julho ficou na história do Brasil como a mais alta expressão do civismo paulista. Dai para cá, ninguém mais duvidou da capacidade da nossa gente para reações armadas contra as tentativas ou as realizações de governos tirânicos. São Paulo, deixou patente, desde aquela data, que é uma terra de liberdade onde tudo se sacrificará, a começar pelas riquezas materiais, para que essa liberdade seja preservada.

Dessa demonstração participou com extremo vigor toda a mocidade paulista. Das escolas saíram para os campos de batalha legiões

de rapazes decididos a todos os sofrimentos para que se fizesse com rapidez a restauração no país inteiro das instituições democráticas que a ambição do caudilho rio-grandense procurava destruir. Dos moços de então nada se poderá dizer que lhes atenua a bravura de interessada. Nenhum sentimento subalterno os lançou aos combates. Foram para a batalha com a candura da idade e a nobreza dos ideais. Se nos velhos nem sempre essa nobreza se fez visível, nos moços nunca deixou de refugir. Daí o motivo pelo qual a data de Nove de Julho é, na minha opinião, uma data essencialmente da Mocidade Paulista. Nenhum cálculo dirigiu os passos dessa mocidade para as trincheiras onde, não obstante a inferioridade de número e de munições, as coortes constitucionistas enfrentaram denodadamente as tropas que contra elas o caudilho despachou.

PLINIO BARRETO

O de como essa data foi e continua a ser dos moços teve a prova, certa vez em conversação com um dos militares que, por excessivo amor à legalidade, havia combatido nas fileiras das tropas ditatoriais. Indagando do estado de espirito dos paulistas após a terminação da luta, perguntou-me ele, cheio de curiosidade:

— E os moços? Qual é o estado de espirito da mocidade paulista? Dos políticos não curava. Pouco se lhe dava que pensassem desta ou daquela maneira. O que importava para ele era o animo dos rapazes, o estado de espirito dos moços, notadamente dos que frequentavam as escolas superiores. Disse-lhe, por outras pa-

lavras, mais ou menos o que acabo de dizer neste artigo, e ele concluiu que era dever de todos, em tal conjuntura, atender aos reclamos dos moços, dando plena satisfação às suas aspirações democráticas. Se o governo não tiver por si os moços concluiu com firmeza estará perdido.

Não só o governo como o Brasil estarão perdidos penso eu se os moços deixarem de se bater pelos ideais civis e se atolarem no lodçal de misérias morais que, a pouco e pouco, vai tomando o territorio brasileiro, sob a dispendente administração dos negócios públicos a que estamos assistindo.

Na data de hoje todos os moços devem renovar as suas reservas de civismo e lembrar-se de que lhes cabe uma grande, talvez a maior, responsabilidade na salvaguarda das instituições democráticas e na regeneração dos costumes políticos em franco processo de afrouxamento e desagregação.

## PAULISTAS! MINHA TERRA!...

(Conclusão da 11.ª pag.)

*Soluções das cinzas agitadas! O espirito das tumbas estremece! A voz dos nossos mortos se levanta!*

Desfaça-se uma Hostia!! Deus permanece uno, indivisível em cada radiônica partícula. — Assim, não se desfaz a vida, ao abraço molecular da transformação.

A Terra que foi carne, mantém em cada átomo, em cada grânulo, a unidade cósmica.

Na arca descarnada desse peito, essa pouca de poeira, e a synthese de um desdobramento! Nella palpita o coração d'outrora, sacudido pelo mesmo turbilhão.

A voz dos nossos mortos se levanta! Em cada crâneo, em cada arcabouço já desfeito, em cada tibia que branqueja, ha uma inúbia uiniação a voz mais alta, o clamor ponteagudo e apunhalante, appellidando a nossa alma para a Causa, conclamando a nossa Honra para a lucta.

Agua do meu Tietê! Alma sonora e heraldica do rio, que embalou a Cidade e a assistiu, nonestamente pela vida afóra.

Agua fíeis! Agua uteis! Agua boas! Sagradas do Anhemby!

Ah! o balouço, o rythmo das prôas, a audacia deslissante das canoas, que passaram por ti.

Agua do meu Tietê! Na inquietação dos remoinhos e das ansias turvas, passam, bracejam, perdem-se nas curvas...

Que destino tuas agua levava?

Que alens, e que azues, e que terras estranhas, irá vêr, espelhar o meu Tietê assim?

Eil-o acolá, serpeando ao sopé das montanhas! Eil-o afundando além, na floresta sem fim!

A alma d'outrora, a alma idealista, soube te comprehender a clara sugestão — Parecia dizer: — vem comigo, oh Paulista, que eu te ensinarei os rumos da conquista e os mysterios doirados do Sertão.

E foste o Companheiro! O Picadão aberto, para a Monção, para a Entrada, para a vida! Tu não passaste não, tu ficaste por certo, a clamar, a chorar, bem comnosco, bem perto esta voz, esta dôr d'uma terra vencida:

"Meu São Paulo! O Irmão inimigo, ultrajou o teu nome e o teu lar! Que a tua alma estremeça conmigo! Redimir! Refazer! Libertar!

Nossa terra era justa, era boa! O inimigo fingindo-se irmão, invadida-a, desfe-la, lesou-a, reduziu-a a senzala, a prisão.

Não ha crime! Abençoada que seja, toda a acção que se oppõe ao labéu! Nosso sangue ao cahir na pejeira, se transforma em estrelas, no céu! E que importa

morrer! Que nos valha, a consciencia d'um justo porvir! E' mister rechassar a canaia: Redimir! Redimir! Redimir!

Não perdoar! E que nunca se apague, nossa jura de fé e de exemplo. Como Christo correr a avorrague, os ladrões saltadores do Templo. — E' preciso luctar!

E elles contem, num fransido e profundo arpejo, tal os velhos Paulistas de hontem, os Paulistas de hoje têm brio! E' a voz do Passado que geme, voz dos Mortos, dos Santos no altar! E' a voz de Anchieta e Paes Leme! — Redimir! Refazer! Libertar!

Dôr! Nobre scentelha promethéa. — Plasma. — Essencia. — Raiz!

Tu és a força, a inspiração, a idéa! A historia de cada cicatriz.

Tu deste ao Homem a primeira ventura. — Foste o primeiro peccado. As forças iniciaes. — E desde o Berço até á Sepultura, tu foste a Companheira, a Certa, a Só, a Pura! e não m'o abandonaste, nunca mais!

Tu és o éco, a eterna ressonancia, da ultima voz de Deus, que Adão ouviu.

Tu presidiste a todos os destinos. Inspiraste o rythmo universal das cousas, a razão Cósmica do Amor!

Em cada berço esparziste uma anemona tua; ungleste de paz e perdão dos sudarios!

Foste o Ararat de todos os Diluvios! o Horeb de todas as sédes! A clara Redempção de todos os Calvarios.

E's o harmonio, o equilibrio, a proporção. Só tu constróes. — Os homens levantaram sobre os angulos das tuas fraguas, na Terra, pelo espaço, sobre as agua, a Vida, a Gloria, a Arte, a Religião.

Tuas mãos samaritanas, oh! Dôr! tambem redimirão minha Terra!

Pelos imperativos do sangue! Pelo milagre da Ressurrelção!

Pelas bençams do Odio!

Mães Paulistas! Ensinas aos vossos Filhos, que o sangue nada vale pelo que corre, humanamente, nas veias, mas pelo que palpita divinamente no Coração! Que filhos que vêm da honra, morrem com honra, pela Honra!

Esposas e noivas de minha Terra! Affirmae aos vossos maridos, aos vossos promettidos, que o Amor não se prova pelo que obtem, mas pelo que renuncia! Que não ha lar livre, em terra escrava!

Meus Patrioticos!

Olhae! Lá fóra estão passando, os funeraes da nossa geração e do nosso pudor! E então, Homens!

"Extrahido de "A GAZETA" de 25.2.32.

## MOÇÃO DE SOLIDARIEDADE DA MOCIDADE INTELLECTUAL CARIOCA À MOCIDADE BANDEIRANTE, ENTREGUE AO CENTRO ACADÊMICO XI DE AGOSTO EM SESSÃO SOLENE, REALIZADA NA FACULDADE DE DIREITO EM NOVEMBRO DE 1932 — Foi o portador da mensagem o acadêmico Oswaldo de Oliveira Penna

*Invicta Mocidade Bandeirante!*

A mocidade idealista do Rio de Janeiro que, na hora amarga da luta em que se empenharam todos os éstos da vossa grandeza e do vosso patriotismo, esteve ao vosso lado, sacudida das mesmas sadias aspirações que tanto vos animavam na gloriosa jornada, vibrando aos mesmos transportes e batida das mesmas emoções que santificando de fulgurações lustraes o sangue generoso vertido do solo bendito de Piratininga, mais e mais acendiam a vossa fé e inflamavam o vosso sentimento civico, não poderia deixar de trazer, enflorada daquela mesma fé e fortalecida por aquele mesmo idealismo que no coração da juventude não perece nunca, a sua solidariedade integral e irrestrita, embebida do afeto fraternal em que vos envolve toda a nacionalidade, deslumbrada ante a magestade da epopeia que os vossos feitos heroicos alcançaram na página mais rútila e mais bela da História Pátria!

E se daqui não levaram eles a se emparelhar às vossas falanges gloriosas e ao vigor de

vossos músculos metálicos, os alentos de seu patriotismo acendrado, aqui, ficaram pulsando os corações que antes se haviam contagiado das benzefejaz inspirações de vosso civismo e dos alevantados ideais que vos moviam nessa arrancada imorredoura!... O Drama do Calvario foi a chama redentora e divina da fé, ateadada pelo christianismo, a prepotencia desordenada do imperialismo dos Cézares.

E porque fôsse maior a tormenta e mais profunda a amargura dos seus prosélitos, maior e mais sublime tornou-se o seu apostolado bendito, inabalavel às transmutações da evolução universal.

Assim hão de ser as doiradas sementieras dos vossos ansios: quanto mais recalçadas e oprimidas pelos adversários da lei, tanto mais fecunda a sua floração e mais preciosos os seus frutos.

E no tumulto dos odios e das oppressões, essa solidariedade, desvaliosa, embóra, há de testemunhar às gerações vindouras o quanto de verdade existe nessa soberba legenda da filosofia antiga: Non solvit potestas Justitiam, sed Justitia potestatis.



**Organizações em Bem Servir!**

- Banco Financial Novo Mundo S. A.
- Novo Mundo Administração de Bens S. A.
- Comercial e Construtora Novo Mundo S. A.
- Novo Mundo Investimentos Ltda.
- Parque Novo Mundo - Imobiliária e Comercial Ltda.
- Predial Novo Mundo S. A.
- Novo Mundo - Cia. de Seguros Terrestres e Maritimos
- Miramar - Cia. de Seguros Gerais
- Hamaraty - Cia. Nacional de Seguros Gerais
- Novo Mundo - Departamento de Despachos Ltda.

## ORGANIZAÇÕES NOVO MUNDO

Rua João Bricola, 37-39 — São Paulo



As mulheres paulistas, quais heroínas legendárias, enobreceram com seu esforço a epopéia de 32.

## SÃO PAULO FRAGMENTO

REYNALDO MASSUTI

«Minha terra famosa como Atenas  
Ninho altíssimo de águias e condores»  
(Batista Cepelos)

Jaraguá! Jaraguá! Jaraguá! Jaraguá!  
Foste o marco, ainda és marco, e serás sempre o marco  
Da passada e a presente e a futura conquista,  
Que apontou, soberano, altaneiro, lá está  
Bandeirante, eis a Terra que ao longe se avista.  
Seu porvir é de glória e Deus queira será  
Canaan do Brasil, e seu povo idealista!

Bandeira Paulista, que ao vento drapêia  
Tecida, nas lutas, com fios de bravura,  
Ressurge, liberta, e conduz nossa idéia  
— Idéia Libertá que um povo assegura.  
Tecida nas lutas com fios de bravura!

Gigante, se eleva no espaço infinito,  
De obreiros, de força e poder magestade,  
De ferro e cimento e de base o granito,  
São Paulo bem nosso, gloriosa cidade.  
— De obreiros, de força e poder magestade!

À noite, incansável, trabalha o gigante!  
Transpira o seu corpo suor de garôa.  
Na luta, solene, a vontade é possante  
— Trabalha! trabalha! Este é o hino que entôa!  
Transpira o seu corpo suor de garôa!

Trabalha o gigante e o saber determina.  
É poeta o operário, usa a pena e o martelo.  
Operam no cérebro a escola e a oficina,  
Da força e a palavra é difícil contê-lo.  
— É poeta e operário usa a pena e o martelo!

De asfalto as artérias febris, turbilhão!  
É o sangue paulista que forte circula,  
E a força produz do Brasil, coração!  
Ingetam-lhe inveja, pois não se coagula.  
— É o sangue paulista que forte circula!

Tributo, ó Brasil, rende à nossa metrópole!  
São Paulo nas glórias a Atenas se iguala.  
Histórico outeiro, Ipiranga és Acrópole.  
Sacário da História, da Patria nos fala  
— São Paulo nas glórias a Atenas se iguala!

São Paulo acadêmico, ilustra as Arcadas!  
— Ó templo de Castro, Rio Branco e de Rui,  
Varela, Azevedo, Nabuco e Andradas,  
— Eterna memória teu nome possui.  
Ó templo de Castro, Rio Branco e de Rui!

## PARA PERFEITA PROTEÇÃO DO MOTOR DE SEU CARRO



O MELHOR LUBRIFICANTE

GARBO - ONDE SEU CRÉDITO VALE MAIS PORQUE COMPRA A MELHOR ROUPA

AS ROUPAS DAS LOJAS GARBO PROVAM QUE:

LOJAS GARBO - ONDE SEU CRÉDITO VALE MAIS PORQUE COMPRA A MELHOR ROUPA

O homem bem vestido  
é sempre  
bem sucedido!

LOJAS GARBO - ONDE SEU CRÉDITO VALE MAIS PORQUE COMPRA A MELHOR ROUPA

GARBO - ONDE SEU CRÉDITO VALE MAIS PORQUE COMPRA A MELHOR ROUPA

SUA ROUPA NOVA

ESTÁ PRONTA

PARA VOCÊ VESTIR NAS



Rua 15 de Novembro, 256 • Rua Direita, 223  
R. Benjamim Constant, 85 • Rua 7 de Abril, 241  
Av. Casper Líbero, 22/28 • Rua da Penha, 324  
Av. Casper Líbero, 42 (Juvenil) • Rua Coronel  
Oliveira Lima, 254/262 — Santo André

ONDE SEU CRÉDITO VALE MAIS PORQUE COMPRA A MELHOR ROUPA

## O poeta Guilherme de Almeida e a revolução de 1932

Segundo Schiller, "a guerra é terrível como um flagelo de Deus; mas, como os flagelos, ela pode ser justa e útil".

Se, a guerra em si tantas vezes empregada, quantas vezes necessária para salvaguardar direitos conspurcados, exatamente ela, que é a negação de todos os direitos, constitui um flagelo, com seu alboroz de sangue e de miséria, então que dizer-se da guerra fratricida entre irmãos, da Revolução, da guerra civil?

Sem dúvida, é a história que se repete, em cada luta intestina, como reedição fiel do fratricídio de Caim, a flagelar a Pátria comum, numa chacina de irmãos.

Mas, como flagelo, a revolução é feita de dois gumes, que punge corações, despedaçando vidas, de um lado, enquanto, de outro, pode "ser justa" e como tal "útil", porquanto justiça e utilidades andam de mãos dadas.

Senão, vejamos: Além de vantagens estritamente materiais que a Revolução de 32 trouxe para alguns, (haja vista, o provento pecuniário do famigerado artigo 30, beneficiando até mesmo nascituros, de amplitude coletiva, fizeram-se de então, outras de cunho moral e sentir: estoicismo na resistência, senso de improvisação, capacidade

de trabalho, espírito de organização, amor à gleba, devoção alevantada no culto ao ideal, para não citarmos outras reservas morais, acumuladas ao longo daqueles dias que vão de 9 de Julho a 28 de setembro.

E é ainda desta utilidade de ordem moral, da Revolução Constitucionalista, que ao rufar dos tambores marciais, sacudiu naquela madrugada a alma de S. Paulo, reboando pelos recantos do Brasil, que eu vos quero falar.

Dela, participou de corpo e alma o poeta Guilherme de Almeida, atual presidente da Comissão dos Festejos do IV Centenário da Cidade de São Paulo, que trocando a "avena agreste" pela "tuba canora e belicosa", ouviu o troar do canhão, sentindo de perto o cheiro da pólvora e trazendo nas fardas chamuscadas pelo fogo da metralha, o pó doirado das terras de Piratininga!

Esse mesmo festejado poeta, inflamado cantor da epopéia paulista que tomou parte no movimento, a ele emprestando todas as suas energias físicas e intelectuais, que fez parte do 1.º Batalhão da Liga de Defesa Paulista; que antes de partir para o "front", falou ao

SILVIO MORAES DE ALMEIDA

microfone das emissoras paulistas, concitando todos os seus irmãos da Federação Brasileira, a pegar em armas com São Paulo e Mato Grosso, pela imediata reposição do País à ordem legal; que assumiu em São Paulo, a Direção do "Jornal das Trincheiras"... esse homem foi preso e exilado para a Europa.

Mas preso, por que?

Apenasmente porque, numa solenidade levada a efeito no Automóvel Club de São Paulo, na qual discursou o poeta querido de Piratininga, o sr. Castro e Silva, perguntou, logo depois, a um amigo, em tom de pilhéria, se ele não soubera que o sr. Guilherme de Almeida rasgou a Bandeira Brasileira. Esse amigo (da onça?) não deixou de perguntar o fato digo o boato, a outras pessoas.

E, como quem conta um conto, aumenta um ponto, a notícia, dada por brincadeira pelo sr. Castro e Silva, dentro em pouco, estava empalhada como verdadeira, adquirindo foros de autenticidade.

Não querendo, todavia, que o nome do seu pai, Dr. Estevam de Almeida, ilustre ex-professor de Processo Civil, de nossa Faculdade, ficasse manchado, a propo-

sito da brincadeira de tão mau gosto, o poeta afirmou, quando citado a se defender, "que atribuiu a perversos, a criaturas de nível mental inferior, a acusação que lhe fora feita de haver desrespeitado a Bandeira nacional", fazendo, concomitantemente, transcrever no "Diário da Noite", os autos do processo.

Corroborando as declarações do poeta paladino do "verde-amarelismo", tão iniquamente acusado, o próprio autor da infeliz pilhéria, ou seja, o sr. Castro e Silva, explicou o quão de infundado existia no pseudo desacato à Bandeira do Brasil.

Porisso, quando hoje se comemora o 22.º aniversário do movimento Constitucionalista que eclodiu em São Paulo, nada mais justo que trazermos à tona a inocência de um paulista, na mais paulista acepção do termo, que em virtude de um mal-entendido, quase vê poluído com nódoa infamante, o seu nome impoluto: GUILHERME DE ALMEIDA.

Dai, tirarmos mais um ensinamento do pensamento de Schiller, qual seja, aquele de que do próprio flagelo da revolução, ressurgem, por vezes, cândida e irretorquível, a Verdade e, com ela, a honrabilidade dos homens de bem.

OS LIVROS DE HOJE QUE SE DESTINAM A MUITAS GERAÇÕES

# 3 MONUMENTOS AO IV CENTENÁRIO



A Livraria José Olympio Editora orgulha-se em apresentar

## HISTÓRIA E TRADIÇÕES DA CIDADE DE SÃO PAULO

de Ernani Silva Bruno

285 ILUSTRAÇÕES, VÁRIAS EM CÔRES • DESENHOS DE PORTINARI E CLOVIS GRACIANO • PREFÁCIO DE GILBERTO FREYRE  
Grande obra histórica sobre a fabulosa metrópole brasileira, cujos 400 anos de existência são fielmente reconstituídos através de 1.572 páginas interessantíssimas. A única biografia completa e abundantemente ilustrada de São Paulo — cidade que é afinal uma síntese de todo o Brasil, na sua fisionomia de país ainda jovem mas de uma poderosa e autêntica vitalidade espiritual e material  
3 volumes, magnificamente impressos em papel especial alemão

### A MURALHA

de Dinah Silveira de Queiroz



Empolgante romance construído sobre acontecimentos históricos dos tempos asperos de Piratininga, narrando episódios de lutas, amores e vinganças. A legenda heróica da gente paulista, romaneada pela autora de "Margarida La Rocque" e "Floradas na Serra"

### IGREJAS DE SÃO PAULO

de Leonardo Arroyo



Com prefácio de AFONSO DE E. TAUNAY e uma carta do Cardeal-Arcebispo de São Paulo, D. CARLOS CARMELO MOTA  
A história dos templos e santuários paulistanos, ilustrada com 51 fotografias e baseada em sólida documentação nova. Bela edição impressa em papel finlandês.

Em todas as livrarias ou na

**LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA**

Rua dos Gusmões, 104 - Telefone 37-7749 - São Paulo

## INDICADOR PROFISSIONAL

**FERNANDO SANDRESCHI**

ADVOGADO

ESCRITORIO: — RUA SEN. PAULO EGIDIO, 15 — 3.º ANDAR  
— SALAS 309-11 — TELEFONES: 32-1396 — 33-3663 e 32-5028  
RESIDENCIA: — R. VISC. DE PARNAIBA, 1031 — FONE: 32-0511

**JOSE' DA COSTA FERREIRA**

ADVOGADO

PRAÇA DA SE', n.º 399 — 3.º ANDAR — CONJ. 302 (Ao lado da Catedral) — TELEFONE: 37-2725

**A. D. FERRAZ JUNIOR**

ADVOGADO

ESCRITORIO: — PRAÇA DA SE', 23 — 5.º ANDAR — SALA 509  
TELEFONE: 32-5084

**ESDRAS PACHECO FERREIRA**

**EDUARDO MOREIRA FERREIRA**

ADVOGADOS

AV. RANGEL PESTANA, 271 — 8.º And. — Conj. 81 — Fone: 35-4667

**JOSE' ELISIO FRANCO FREIRE**

ADVOGADO

SENADOR PAULA EGIDIO, 34 — 7.º ANDAR — SALAS, 74/75  
TELEFONES: 35-1589 e 33-6211

**ESCRITORIO JURIDICO-COMERCIAL**

DIREÇÃO DE J. R. FIGUEIREDO

Questões civis, criminais, comerciais e cobranças amigáveis  
ou executivas

AV. IPIRANGA, 1.123 — CONJ. 1.102 — FONE: 35-0387

**VICENTE ALBERTO DE FELICE**

**ARPELINO BAGATTA**

ADVOGADOS

RUA ROBERTO SIMONSEN, 94 (ant. Rua do Carmo)  
TELEFONE: 32-7824 — S. PAULO

**PEDRO PAULO DE SALLES OLIVEIRA**

ADVOGADO

ESCRITORIO: — PRAÇA DA SE', 399 — 4.º ANDAR — SALA 410  
TELEFONE: 37-4274

**S. FERRIGNO**

ADVOGADO

ESCRITORIO: R. SENADOR PAULO EGIDIO, 15 — 4.º ANDAR  
— SALA, 412 — TELEFONE: 32-6820 — S. PAULO

**JOSE' GONÇALVES ANDRADE FIGUEIRA**

ADVOGADO

ESCRITORIO: — PRAÇA DA SE', 170 — 4.º ANDAR — SALA 34  
TELEFONE: 32-0643 — S. PAULO

**HELIO BARRETO MATHEUS**

ADVOGADO

PRAÇA PATRIARCA, 78 — 4.º AND. S. 44 — FONE: 32-7793  
RESIDENCIA: R. BANDEIRANTES, 98 — FONE: 34-6325

**HELIO FIORILLO**

ADVOGADO

Esc.: AV. 9 DE JULHO, 40 — 5.º ANDAR — C. 5 D.  
TELEFONES: 34-9367 e 33-4304 — S. PAULO

**Dr. ROLANDO DE MAGALHÃES COUTO**

ADVOGADO

ESC.: R. SENADOR FEIJO', 64 — 5.º ANDAR — FONE: 36-7942  
RES.: — AV. RANGEL PESTANA, 2294 — FONE: 9-3309

**RENATO ALBERTO T. DI DIO**

ADVOGADO

RUA 7 DE ABRIL, 282 — 4.º ANDAR — CONJ. 44  
TELEFONE: 35-4883

ALAMEDA FRANÇA, 607 — TELEFONE: 31-2792

**JOSE' NASSER**

ADVOGADO

ESCRITORIOS: — RUA SANTA TEREZA, 28 — 12.º ANDAR  
S. PAULO — AV. CONDE FCO. MATARAZZO, 153 — 2.º AND.  
S. CAETANO DO SUL

**PAULO C. GUEDES**

ADVOGADO

R. ALVARES PENTEADO, 180 — 4.º ANDAR — SALAS 10-11  
TELEFONES: 33-4089 e 35-6307 — END. TEL. "OLIAP"

**CLAYTON BRANCO**

ADVOGADO

ESC.: R. RIACHUELO, 96 — 7.º A. — C. 702 — FONE: 36-2367  
RES. R. CEL. ARTHUR GODOY, 45 — FONE: 70-4854

**Dr. RENATO NAPOLITANO**

ADVOGADO

R. RIACHUELO, 96 — 7.º Andar — Conj. 701 — Fone: 33-1856

**ROBERTO EUGENIO A. DE LIMA**

ADVOGADO

R. WENCESLAU BRAZ, 78 — 4.º ANDAR — SALA 418 —  
FONE: 33-3374 - R. CAMPOS SALES, 128 - S. 24 - STO. ANDRE'

**ITALO CIAMBELLI**

ADVOGADO

R. DO COMERCIO, 22 - 1.º Andar - Fones: 32-2423 e 33-6439

**CARLOS CASEMIRO COSTA**

ADVOGADO

PRAÇA JOAO MENDES, 154 — 10.º ANDAR — SALA 105 —  
TELEFONE: 33-5522 — S. PAULO

**ANTONIO COSTA CORREIA**

ADVOGADO

RUA MARIA PAULA, 36 — 6.º ANDAR — TELEFONE: 34-3688  
SAO PAULO

**PHILOMENO J. COSTA**

ADVOGADO

R. RIACHUELO, 73 — 4.º ANDAR — FONE: 32-4253

# COMO NASCEU A REVOLUÇÃO

(Conclusão da 3.ª pag.)

Presidente: Roberto Victor Cordeiro; 1.º Vice-Presidente: José André Telles de Mattos; 2.º Vice-Presidente: Ruy Ferreira da Rocha (já falecido) Secretário Geral: Manoel Carlos Ferraz de Almeida; 1.º Secretário: Jose Fleury Silveira; 2.º Secretário: Aulus Plautius Coelho Pereira; Tesoureiro Geral: Antônio Gomes de Mattos; 1.º Tesoureiro: Sebastião Portugal Gouveia; 2.º Tesoureiro: Mário Ângelo Capocchi; Procurador: Oscar Melega. Intensa foi a atividade da Liga. Muitas noites, os seus componentes seguiram até à Penha e de lá vieram, carregando enormes baldes de coia, pregando em todos os postes cartazes convidando o povo para cerrar fileiras junto aos estudantes e comparecer aos comícios programados. Os moços trabalhavam febrilmente realizando comícios, expedindo manifestos e distribuindo-os na Capital e no interior do Estado, pregando a volta do país ao regime constitucionalista. Enquanto isso era feito publicamente, a diretoria da Liga, secretamente, entrou em entendimentos com altas patentes do Exército e da Força Pública do Estado de São Paulo com militares de outros Estados, no sentido de um levantamento das forças armadas e do povo, visando a deposição pura e simples do então ditador. Conquanto seja injusto negar a contribuição dos paulistas em geral e mesmo de muitos políticos para o êxito do Movimento, deve-se reconhecer entretanto, que aos moços da Liga Paulista Pró-Constituinte se deve a efetivação da revolta. Não fossem os moços corajosos, dinâmicos, perseverantes e São Paulo teria sido entregue ingloriamente, por meio de conchavos e de acordos aos agentes da ditadura. Extraordinários foram os comícios realizados em São Paulo, notadamente os da Praça da Sé, nos dias 25 de Janeiro, 24 de Fevereiro e 13 de Maio. Com a proximidade do dia 25 de Janeiro, resolveram os moços aproveitar a data da fundação de São Paulo para convocar uma grande concentração popular. Dias antes, publicavam os jornais o seguinte comunicado: "A Liga Paulista Pró-Constituinte projeta levar a efeito, no próximo dia 25 de Janeiro, uma grande manifestação pública, comemorativa da fundação da cidade. Hipotecou-lhe solidariedade avultado número de Paulistas que projetavam uma grande manifestação pública. Os seus organizadores, Drs. Antônio Pereira Lima e Francisco de Mesquita, deliberaram aderir à comemoração da Liga, entregando-lhe a incumbência de preparar todas as homenagens ao dia da fundação de São Paulo. Anteriormente realizou-se numa das salas do Instituto de Engenharia, local onde se acha instalada a sede da Liga Paulista Pró-Constituinte, uma reunião dos membros da diretoria, para tratar da reunião do Teatro Municipal. Depois dos debates ficou assentado definitivamente que os diretores efetivos da Liga seriam escolhidos entre os acadêmicos paulistas. Ficará por essa forma perfeitamente assegurado à campanha pela constitucionalização do país um caráter apolítico. Não será permitido a nenhum partido ingerência nas deliberações dos dirigentes da Liga. Isto não quer dizer, todavia, que a Liga despreza a adesão das correntes políticas de São Paulo. Elas, se o desejarem, poderão até nominalmente trabalhar pela campanha pró-constituinte, mas em absoluto não intervirão nas resoluções da diretoria". Com o êxito dos comícios, pois o povo se colocou inteiramente ao lado da Liga houve então a adesão dos políticos ao Movimento. Em carta enviada ao acadêmico Antônio Gomes de Mattos, no dia 28 de Abril de 1932, afirmava ainda o Coronel Theopompo, por essa época já recolhido à prisão: "Se vocês não tivessem iniciado a campanha, ainda hoje os políticos estariam nos encolhos. Foi o brilho do primeiro comício que os despertou. Viram que seriam abandonados pelo povo. E atitudes que pareciam desassombradas nada mais eram que o estrebuchar do egoísmo". A Liga que não foi registrada, nem o poderia ser, pois embora exis-

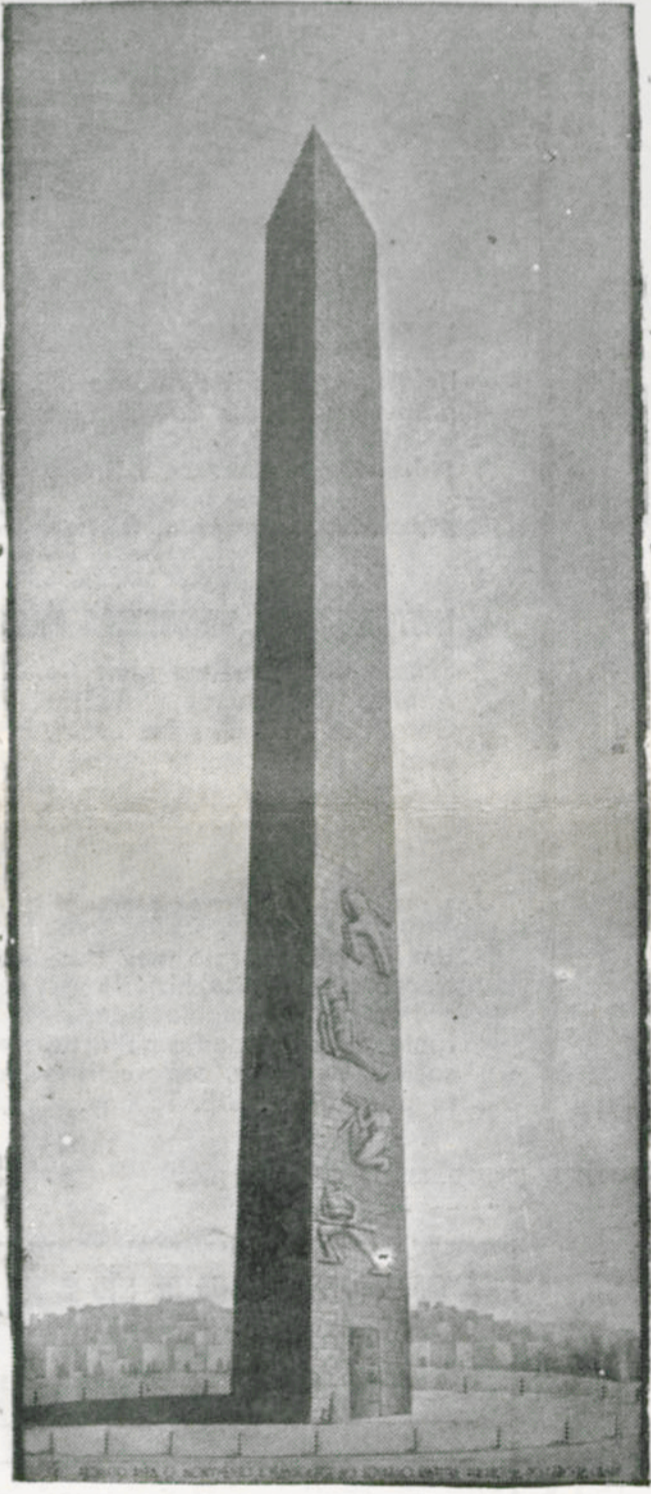
tindo publicamente tinha caráter de frontal oposição ao regime vigente, continuou a agir sem descanso e havia-se marcado para o dia 14 de Julho o início da revolta armada. Mas os fatos políticos a hostilidade do General Góes Monteiro a São Paulo, a acintosa interferência de Oswaldo Aranha na vida política paulista, precipitaram os acontecimentos, provocando o 9 de Julho. Ao eclidir a Revolução estava concluído o trabalho da Liga, cumprida já a sua finalidade. Passaram os seus componentes a atuar dentro dos organismos da Revolução que ela ideara e preparara. A maioria dos seus membros compôs o "Batalhão Universitário 14 de Julho", que tantas glórias colheu nos campos do Sul, em Itararé, Bury, Campos de Paranapanema, como elemento preponderante dentre os

não suporta grilhões, embora disfarçados por sofismas mais ou menos hábeis, ou mascarados pela mais florida ou bombástica retórica. Por isso ela vos conclama, ó Paulistas, para a reconquista de uma Constituição! E' a Constituição que dá feição política aos povos e os faz dignos da consideração dos demais civilizados. E' a Constituição que assegura aos cidadãos seus direitos e lhes indica os deveres, fazendo-os respeitáveis aos próprios olhos e aos alheios. E' a Constituição que traga ao governo e ao povo suas linhas recíprocas de conduta e de um e de outro faz colaboradores da grandeza da Pátria, da prosperidade do Estado, da civilização e da cultura nacionais. Um povo sem constituição pode abarrotar-se de ouro, não passará jamais, de um mendigo de liberdade, de um pedinchão de favores, de um miserável vivendo das migalhas da atividade que o benflicito de seus senhores

remos nossos ideais e procuraremos fazer os prevalecer; convencidos do que nos incumbe, iremos a praça pública ou aos congressos suscitaremos nossas opiniões; mas "mesmo que estas não sejam reconhecidas e aproveitadas, preferimos a volta ao regime constitucional, a permanência da situação incerta em que vivemos". Por isso mesmo não pretendemos criar novo partido, nem apresentamos os elementos de qualquer programa. Todos, qualquer que seja o seu credo político, quaisquer que sejam as suas preferências partidárias ou pessoais, qualquer orientação envenam que deva ser a do Estado; todos devem vir conosco, nesta hora torva da nacionalidade, clamar, clamar sempre, clamar virilmente, clamar em todos os lugares e por todos os sons, pela convocação imediata da Constituinte Brasileira. E, se esse brado "consciente e energético" não for ouvido: se os ammaçados da situação continuarem a reproduzir os erros e os abusos que dizem querer remediar e punir, cuja sobre suas cabeças, vem a maldição do povo, toda a sorte de consequências que o desespero puder trazer. Não se esqueçam esses "messias" da nossa edição de que foi o mesmo messianismo da antiga que lhes abriu os braços ao povo, nem de que este irremediavelmente queima hoje o que ontem adorou, maxime quando lhe vão carraças de ração."

## OS VERDADEIROS INICIADORES

Muitos os heróis da epopeia de 9 de Junho, muitos os que não mediram sacrifícios pelo sucesso do movimento. Jamais, porém, se poderia negar aos moços o papel de iniciadores. Depois de eclodido o movimento armado, injusta seria citar nomes, pois com igual empenho lutaram os chefes da administração paulista, os elementos militares, os componentes dos heróicos batalhões de voluntários, as mulheres e até as crianças. Mas a fase preliminar da revolução tem sido quase sempre esquecida nos livros escritos sobre a epopeia paulista. Nesse mesmo esquecimento têm ficado os moços da Liga Paulista Pró-Constituinte. Eles foram heróis, lutaram quando todos se submetiam, perseveraram na sua luta até conseguirem levantar, unido em torno do ideal sublime, todo o Estado de São Paulo. E' preciso que seus nomes sejam lembrados e que eles tenham o reconhecimento da Pátria e a justiça da história.



No granito continuarão vivendo, aqueles que morreram lutando contra a corrupção da ditadura.

batalhões de voluntários, que com tanto heroísmo se bateram, elevando o nome de São Paulo e glorificando-se na épica revolta dos bandeirantes paulistas.

## O MANIFESTO

Os jornais do dia 3 de Janeiro, publicaram o Manifesto dos acadêmicos ao povo de São Paulo, cujo teor era o seguinte: "Paulistas — A mocidade acadêmica da Paulicéia vos convida para uma nova arrancada pela constitucionalização da Pátria. Não se trata de formar um novo partido, não se trata de defender, no momento, um programa qualquer: trata-se de reconduzir a nação à vida organizada, à vida constitucional. Urge que o Brasil se reintegre no rol das nações livres e legalizadas, entre as quais, bem ou mal, mas em continuidade quase perfeita, se manteve desde 1821 até 1930; urge que voltemos à guarda de nossas velhas tradições de vida jurídica e democrática, de que saímos por força desta revolução "feita e aceita", entretanto, para a defesa desses mesmos princípios que a insanie de alguns políticos mal-avisados conculcaram. A mocidade acadêmica

lhe concede. Uma colônia, mesmo é mais digna que uma nação pseudo-soberana, mas aconstitucional, porque a colônia pode ser reduzida a uma nação fraca pela prepotência de outra mais forte ou pelo mau sucesso de uma derrota, e nada disso lhe afeta propriamente a dignidade, senão a felicidade e a soberania apenas. Porém, o desprezo do mais comedido direito do povo livre, que ao conhecer exatamente onde terminam os seus direitos e quais são os seus deveres sem ter de implorar o reconhecimento de uns nem de supliciar o aligeiramento de outros; esse desprezo, quando resultante do menoscabimento de um tirano, ou de alguns tiranos internos, importa na mais grave diminuição possível da dignidade nacional. Só não percebe esta verdade elementar quem nasceu para escravo e se criou entre escravos; só tenta desmentir-las quem se aproveita imoralmente da fraqueza ou da covardia alheias para calcar aos pés os únicos privilégios específicos da humanidade: "A razão e a liberdade". Propugnaremos uma constituição que mais se conforme com as convicções de cada qual; defende-

## O braço de...

(Conclusão da 3.ª pag.) deirantes"; e a Cruz de Cristo, que nela se inscreve, é a homenagem da cruz pintada nas velas das naus portuguesas dos descobrimentos, e a fé cristã difundida pelos catequistas jesuítas. A ponta de lança em machada, a que se prende essa flâmula, comemora o machado que abria nos sertões e na mata o caminho que a "bandeira" seguia. A coroa mural, que encima o escudo, é referência aos baluartes que Tomé de Sousa mandou que João Ramalho edificasse em torno de Santo André para sua defesa; e também as paliçadas fechadas por quatro portas, duas ao Norte e duas ao Sul, da nascente de São Paulo de Piratininga, defendidas pelos guerreiros de Tibiriça e Caiubi. Os ramos de café frutificados, dos ornatos exteriores, celebram a lavoura que foi e ainda é sustentáculo máximo da economia brasileira. E, finalmente, a inscrição latina — "Non Ducor, Duco", — que se traduz: "Não sou conduzido, conduzo!", sendo latina, recorda a origem da raça; e sendo breve e enérgica, traduz tudo o que é, de fato, a história da gente de Piratininga: estímulo e exemplo aos demais irmãos da Pátria Brasileira".

# MENSAGEM

Do Centro Acadêmico XI de Agosto à Assembléia Legislativa de São Paulo, quando da decisão sobre a cassação dos mandatos dos Deputados Conceição Santamaria e Asdrubal da Cunha

## SENHORES DEPUTADOS,

Sois aqueles a quem confiamos os destinos de nossa comunidade. Sois aqueles a quem o povo entregou a regulamentação de sua vida. Da vida que os homens pobres — que são quasi todos os homens — mantêm pela constante de seu estorço, pelo heroísmo de seu trabalho e pela resignação, cotidiana, que exige o respeito ao próximo.

Não são palavras, Senhores Deputados. E' a realidade pura, pura e simples, que tem talvez a propriedade de ser esquecida por muitos daqueles que se instalam numa cadeira de parlamento. O povo não é uma adição de votos: é uma adição de vidas. De vidas que decorrem intensas, nos campos, nas cidades, nas fábricas, nas escolas, nos escritórios, e bem sabeis que nas sargetas, que na miséria, ou nos hospitais.

A vós se contiou a missão sagrada, embora talvez assim não vos pareça a todos, de repercutir por vossos atos, de legislar, de influir nas condições de vida dessa grandeza imensa que é um povo: o povo que se vos entregou contante no idealismo da Democracia.

Hoje vos cabe uma decisão de gravidade que os adjetivos não qualificam mas que o povo sente; e que se não sentirdes hoje, prometemos que haveis de senti-la amanhã.

DECIDIREIS SE ESTA CASA DEVE SER UM MERCADO E VÓS ATRAVESSADORES, OU SE UMA CASA DE REPRESENTANTES DO POVO, DE ONDE DEVAM SER TOCADOS OS QUE SE PROVARAM INDIGNOS DELA; SE ESTES SÃO UMA EXCEÇÃO OU SE COMO ELES É A VOSSA MAIORIA.

Não vos diremos que acreditamos no zelo com que exercereis vossa atribuição; não vos diremos que a confiança em vós depositada permanece inabalada; nem vos afirmaremos, para afirmar, ter como certo que sabereis ser dignos do povo que representais: JA' SE DIZ, E SE ASSEGURA MESMO. QUE A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE S. PAULO VAI HOJE OFICIALIZAR COM SUA TOLERANCIA AS BANCAS ONDE SE VENDEM PROJETOS DE LEI

Nossa mensagem é mais uma profecia do que um apelo: este é o povo o traz à evidência na sua vida cotidiana, aos olhos de quem o queira ver e ao alcance dos que o possam sentir. O alerta é o último recurso da Democracia. Da Democracia que o povo brasileiro anseia por ver se efetivar em torno de princípios de Justiça; da Democracia pela qual já deu e dará seu sangue, sempre que preciso, como já o demos nós do Centro Acadêmico XI de Agosto. E' por que o demos zelamos por ela: e exigimos a punição daqueles que traindo-a, confundem o povo que quer ser livre com um povo que tolere ser negociado.

Hoje enviamos esta mensagem à Assembléia Legislativa de São Paulo, admitimos como possível nem a ouçam ou não a percebam exatamente aqueles a quem dirigida Mas nem por isso deixamos de enviá-la. Pois os que não a ouvirem agora, hão de senti-la mais tarde.

São imprevisíveis as consequências a que pode levar o descrédito em que se precipitam os Paramentos brasileiros: o povo o acompanha justamente revoltado e dele procuram se aproveitar os subversores do regime democrático.

A DECISAO DE HOJE, SENHORES DEPUTADOS, SERA UM PASSO MAIS, E UM PASSO LARGO, PARA O DESCRÉDITO, OU PARA A DIGNIDADE QUE O POVO EXIGE NA CASA QUE FEZ DE SEUS REPRESENTANTES.

POR ENQUANTO, CABE-VOS DECIDIR.

O POVO AGUARDA.

São Paulo, 6 de julho de 1954  
Centro Acadêmico «XI de Agosto»  
VICTOR AUGUSTO FASANO — Presidente

# BUSCA

INGEDORE GRUENFELD

Busquei-te pelo vasto mundo agora,  
No céu, nos rios ligeiros e no ar,  
Na luz de cada estrela que, lá fora,  
Brilha; na claridade alva do luar...

Busquei-te pelos campos onde mora  
Verdura eterna — e te fui procurar  
Nos montes, nas florestas, muito embora  
Jamais tenha podido te encontrar...

Procurei-te, em seguida, na cidade  
Nas várzeas e na glauca imensidade  
Das ondas verdes desse mar sem fim...

Só então notei quão vã era essa lida:  
Não te acharia nunca, em toda vida,  
Pois sinto que tu estás dentro de mim!

# BANCO ITALO-BELGA S/A

SOCIEDADE BELGA FUNDADA EM 11-1-1911  
pela SOCIÉTÉ GÉNÉRALE DE BELGIQUE, Bruxelas  
e pela BANQUE D' ANVERS, ANVERS

Capital ..... F. B. 150.000.000,00  
Reservas ..... F. B. 150.000.000,00

Sede Social: — ANTUÉRPIA (Bélgica)  
Filiais: — LONDRES, PARIS, LE HAVRE, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, SANTOS, CAMPINAS, PORTO ALEGRE, BUENOS AIRES E MONTEVIDÉO

Todas as operações bancárias  
Vendas e compras de câmbio

Depósito em conta-corrênte, à vista, limitada com  
preaviso e a prazo fixo, às melhores condições

Banco Italo-Belga, Sociedade Anônima

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO  
R. Álvares Penteado, n.º 195 Av. Presidente Vargas, n.º 417  
SANTOS CAMPINAS  
R. 15 de Novembro, n.º 104 R. Barão de Jaguará, n.º 1.098  
PORTO ALEGRE  
Rua dos Andradas, n.º 1.017

# M.M.D.C.

(NOTAS TAQUIGRAFICAS DO DISCURSO DO DR. ASTOR GUIMARAES DIAS, SÓCIO HONORARIO DO «C. A. XI DE AGOSTO»)

*“Quando se sente bater, no peito heróica pancada, deixa-se a folha dobrada, enquanto se vai morrer!”*

Foram esses, sem dúvida, os versos que ressoaram nos corações dos estudantes e populares, que partiram do Largo de São Francisco, naquela afastado 23 de Maio de 1932.

Levaram na alma aquela superação existencial, de que fala o imenso Kierkegard. Havia em todos, a vocação para o sacrifício e a certeza indestrutível de que não os atraía viver numa pátria aviltada. A vida perderia o sentido, o céu não seria mais bonancoso, nem sentiriam mais o palpitar do grande coração da Academia, se não levassem, ainda que com o próprio sangue, a névoa insuportável que estava assim como um borrão de lama na bandeira estremecida.

E deixaram a praça do tabernáculo — porque a Academia é o tabernáculo onde se guarda a hóstia da nacionalidade — para escrever uma das mais fulgurantes páginas da história nacional.

E escreveram-na com o sangue, com o sacrifício, com o destemor. Uma página, que ficou sendo o preâmbulo dessa Bíblia de idealismo, em que se constituiu a Revolução de 1932.

Quando não regressaram — Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo! Não regressaram, mas seus exemplos heróicos ficaram como imperecíveis lições de conduta humana, inigualáveis exemplos de que, efetivamente, nada vale a vida confrontada com valores imorredouros. Não voltaram, mas escreveram na fugaz transitoriedade da matéria, a legenda eterna dos eternos valores do espírito.

Os fatos são conhecidos. O mês de Maio daquele ano distante, encontrava São Paulo, disposto a não tolerar mais os achincalhes da ditadura. Havia em todos os corações, o grito de basta! São Paulo não queria mais transigir, nem suportar mais as humilhações que vinha sofrendo.

Conspirava-se abertamente! Na noite de 2 de Maio, numa residência da Avenida Angélica, Julio de Mesquita, Euclides de Figueiredo, Júlio Marcondes Salgado Melo Matos e outros traçaram os planos no sentido da participação da Força Pública no movimento nascente. A campanha teria um início nitidamente popular e na hipótese de uma reação da ditadura, seria deflagrada a Revolução. Nesse mesmo dia, pela manhã, chegara a São Paulo, Oswaldo Aranha, incumbido pelo governo central para resolver a situação. As 13 horas, estudantes e populares haviam distribuído pela cidade, boletins concitando São Paulo a se unir contra a presença de Oswaldo Aranha e a comparecer ao comício a ser realizado naquele dia, na Praça do Patriarca. Anos mais tarde, a nove de novembro de mil novecentos e quarenta e três, estudantes da mesma escola, marchariam pelo mesmo lugar, ainda em repulsa à ditadura do mesmo homem.

O comício foi São Paulo falando pela grande voz de Ibraim Nobre, e os que o assistiram, até hoje guardam a sua comparação inesquecível, apontando as cores da bandeira que Guilherme de Almeida chamaria de santificada — o branco, o pacifismo paulista de antes de 1932, o negro e o vermelho, o luto e a revolta daqueles dias. Da Praça do Patriarca dirige-se a massa para o Quartel Ge-

neral, à cuja frente a tropa miquelesta ataca os manifestantes. De lá se encaminham aos Campos Eliseos, para tornar ciente dos acontecimentos Pedro de Toledo. E' nos Campos Eliseos, que Ibraim Nobre, o tribuno da revolução, apresenta a Pedro de Toledo um estudante ferido, Lima Neto, e pronuncia a frase famosa — já começa a correr o sangue paulista!

Começava a correr o sangue paulista, que no dia seguinte, há exatamente vinte e dois anos atrás, foi de novo covardemente derramado à frente do Partido Popular Paulista, pelos esbirros de Miguel Costa.

Tombaram Euclides Miragaia, Márcio Martins de Miranda, Amadeu Martins Dráusio e Antônio Camargo de Andrade. Tombaram para a vida cotidiana, mas se ergueram para a História, mais

vivos do que nunca, imponentes e majestosos, como autênticos monólitos de fé, coragem e idealismo. Eram as primeiras vítimas da ditadura, imoladas pela terra em que haviam nascido, e pela qual tão bem souberam morrer.

As quatro mortes foram como quatro gigantes blocos rolando da montanha e esmagando tudo que encontrassem pelo caminho. São Paulo se encontrava decididamente no início da cruzada. Pouco mais de mês e meio decorrido, e com as botas militares, os fusis e as baionetas, São Paulo escrevia no chão da pátria muito amada, a história das novas bandeiras, as bandeiras contra a selva do arbitrio e o tigre do despotismo, para dar ao Brasil novas fronteiras legais e para ver engastada no firmamento da nacionalidade, a mais rutila, a mais bela, a mais pura das esmeraldas — a

Constituição Brasileira! Depois... Depois, silenciada a voz das armas ainda continuaram, a repercutir, como repercutirão

sempre em São Paulo, aqueles versos que ressoaram nos corações dos estudantes e populares, heróis de 1932 —

*“Quando se sente bater, no peito heróica pancada, deixa-se a folha dobrada, enquanto se vai morrer!”*

## O MAIS COMPLETO DOCUMENTÁRIO sobre o IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO!

### ISTO É SÃO PAULO!

Álbun com 104 fotografias inéditas, fixando os mais expressivos aspectos da capital bandeirante. Prefácio em 4 línguas.

Cr\$ 50,

### SÃO PAULO ANTIGO - SÃO PAULO MODERNO

Magnífica comparação fotográfica entre o São Paulo de ontem e o São Paulo de hoje. Legendas em português e inglês. Introdução em português, inglês e alemão.

Cr\$ 100,

### ÁLBUN COLORIDO “SÃO PAULO” - Karfeld

A visão mais completa e grandiosa de São Paulo; inúmeras fotografias em cores do Estado bandeirante. Texto em 4 línguas.

Cr\$ 260,

### GUIA TURÍSTICO DA CIDADE DE SÃO PAULO

O melhor “cicerone” da cidade de São Paulo. Resumo histórico, situação geográfica e uma descrição completa sobre tudo que a cidade tem de mais belo e importante: monumentos; hospitais, colégios, itinerários de bondes e de ônibus, passeios, etc. Utilíssimo guia de conversação em português, italiano, francês, alemão e inglês.

Cr\$ 60,



### VELHO SÃO PAULO

Uma nova obra de Affonso d'E. Taunay, com reproduções inéditas da velha iconografia paulista.

I Volume - Primeiras plantas, Colégio, Sé, Paço.

Cr\$ 100,

II Volume - Ruas principais, A Abadia de S. Bento.

Cr\$ 100,

### HISTÓRIA DAS BANDEIRAS PAULISTAS

Síntese da grandiosa obra de Affonso d'E. Taunay, “História Geral das Bandeiras Paulistas”, escrita especialmente para o IV Centenário. Laureada com o 1.º Prêmio Nacional “Capistrano de Abreu”. Dois tomos ilustrados.

Cr\$ 300,

### HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Um perfeito retrato dos quatrocentos anos de história da portentosa metrópole bandeirante. Suas atividades políticas, sociais, agrícolas, comerciais e industriais. Escrito por Affonso d'E. Taunay.

Cr\$ 120,

À venda nas livrarias, papelerias e bazares.

## EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Vendas também pelo Reembolso Postal.



À CIA. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO - Indústrias de Papel  
Caixa Postal 8120 - São Paulo

Peço remeter-me, pelo Reembolso Postal, as seguintes obras:

NOME: \_\_\_\_\_  
ENDEREÇO: \_\_\_\_\_  
CIDADE: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_

## BANCO ARTUR SCATENA S/A

Enderêço telegráfico: SCATENABANK  
MATRIZ EM BATATAIS — (Est. de São Paulo)  
Capital e reservas Cr\$ 1.784.093,00

Sucursal em S. PAULO — R. de S. Bento, 480 — C. Postal, 8437 — Fone 354244  
Filial no R. DE JANEIRO — Av. Graça Aranha, 57-B — C. P. 5297 — Fone 22-3569  
Filiais Urbanas: BRÁ — Av. Ranquel Pestana, 1286 — Fone: 35-6263  
CONS. CRISPINIANO — R. Cons. Crispiniano, 79 — Fone: 35-1262  
MOÓCA — Rua da Moóca, 2228 — Fone: 9-3191  
STA. CECILIA — Av. Duque de Caxias, 135 — Fone: 52-1339

### Filiais no Interior:

Altinópolis	Guairá	Nuporanga	São Joaquim da Barra
Americana	Guará	Olimpia	São José da Bela Vista
Amparo	Ibitinga	Orlândia	São Sebastião da Gramma
Araraquara	Igarapava	Patrocínio Paulista	São Simão
Araras	Ipaú	Pedregulho	Serra Azul
Bariri	Itápolis	Pinhal	Serra Negra
Bragança Paulista	Itirapuí	Piracununga	Serrana
Brodóqui	Ituverava	Pontal	Sertãozinho
Cajuru	Jardínópolis	Ribeirão Preto	Socorro
Campinas	Mooca	Sales Oliveira	Tamboré
Casa Branca	Mogi Mirim	Sta. Cruz das Palmeiras	Valinhos
Cordéópolis	Morro Agudo	Sta. Rita do Passa Quatro	Vargem Grande do Sul
Cravinhos	Novo Horizonte	Sta. Rosa de Viterbo	Viradouro
Franca		Santos	

# PAULISTAS! MINHA TERRA! MINHA POBRE TERRA!

IBRAHIM NOBRE

E's paulista?! Ah! Então tu me comprehendes! Trazes, como eu, o luto na tua alma e laminas de fé no coração. Ferve em teu peito a cólera sagrada, de quem recebe, em face a bofetada, o insulto, a vilania, a humilhação.

Minha voz, que entre cóleras se alteia, é tua dôr também! Minha voz é murmúrio, é marulho, é o eco pobre, de sete milhões de angustias indormidas, de sete milhões de odios despertados, através do pudor de todos nós.

A cruz de Anchieta, a cruz que o thaumaturgo ha 378 annos erigiu: sobre o amplo araxá, dominando a recham, a varzea, e rio, essa cruz floresceu num milagre de fé. E o caminhar que vinha da distancia, o pioeiro curtido do sertão, a mesnada que vinha da aventura, o viajor que ia de jornada, vendendo-lhe ao longe o seu perfil christão, sabia que a sua sombra era a pousada, era o abraço materno, era a rede, o caulin, o lume, o pão.

Essa cruz floresceu, num milagre de fé!

Em torno della, se esboçou a primeira viella, esta betesga, essa rua, aquella praça. Pôz-se em pé a primeira talpa. As cercas de guarantan se embastriram com pastadas azues de corriolas. E depois, o claro rebanho das casas, a sorrir nas manhãs abrilhas a candidez da sua cal, e a difuir-se, nas tardes desmiadas, sob a reticula branda das garças.

Fogos da minha Terra! Lume da Lareira paulista! Em torno de ti, ao lucilar das tuas fagulhas, ao anseio ascendente da tua flamma, na terra extrema, sob a telhavan, quanta hora fluu placida e mansa, quanta hora de limpida esperança, quando dô de mulher, de mãe, de esposa, chorando a espera de alguém que se alongára, a dentro pelo Sertão, e que em busca da Fortuna ia encontrar a morte, e ao encalço da sorte fundia uma Nação!

Lume da minha Terra! Em tua vigília, fez-se o calor, a cel-

lula, o altar. Presidiste os destinos da Família. — Foste a gloria do Pão ganho com Honra — Marcaste o nome, a propriedade, o Lar!

Em torno de ti, Lume da minha Terra, ao teu Lampejo, através da Scheerazada das Bandeiras, do "era uma vez" de todas as historias, em torno

paixões e odios, no entrechoque dos Pires e Camargos. E a figura do padre Belchior, numa historia de amor, dorida, imensa, punha um lyrio de Fé em cada crença, e um em cada Lagrima, uma Fé melhor.

Que ronda de evacações vem do passado! E desgarrá, e levita,

commovida ressonancia fervôres e emulações, silenciosos heroismos de estudantes pobres, pensamentos dos lares, deixados lá longe, saudades das terras, de outras paizagens, e rezas, e anseios de Mães que ficaram, chorando, chamando, esperando seus filhos...

Ah! Si o Brasil quizesse escu-



Na histórica fotografia acima, estão os com ponentes do Governo Revolucionário de São Paulo, alguns dos quais então exilados: Governador Pedro de Toledo, ladeado por seus secretários, Waldemar Ferreira (da Justiça) e Paulo de Moraes Barros (da Fazenda). Em pé, da esquerda para a direita: Francisco da Cunha Junqueira (da Agricultura); Fonseca Teles (da Viação); Thyrso Martins (chefe de Polícia); Rodrigues Alves Sobrinho (do Interior) e Joaquim Sampaio Vidal. A fotografia traz os autógrafos de todos os membros daquele Governo.

de ti a alma das mulheres, os olhos das crianças, a bençã dos velhos acompanhavam, comovidamente, a arrancada ruidosa do Raposo, mergulhando as raizes de sua raça e o ferro rude e rubro da sua força, pelos rios, pelas terras, pelo mar! E choraram a agonia de Paes Leme, vendo-o morrer sózinho no deserto — O corpo em febre — O gibão desfeito. — As mãos enclavinando junto ao peito, a escarcella sonôra de esmeraldas!

Pelos sertões romanticos e largos, esvoejaram sombras, episódios, toda a legenda de

brandamente fluctua, chorando em cada pedra, em cada rua, o lume extinto! O aço deshonrado!

Terra paulista! Da tua carne massapé e honesta, do teu ventre de Mãe, fecundo e são, veiu a alma que realisou a nacionalidade, imprimindo-lhe o sentido da Independencia, e os rumos catholicos da Civilização. De ti proveio o homem que defrontou a natureza peito a peito, e que a venceu e a dominou a facão e a fé!

Tu dêste geographia ao Brasil! Essa terra toda, que ahi se estende, e se esparrama e se perde por esse mundo grande de Deus, tudo isso tem os seus limites demarcados não apenas, pelos rios que se vadearam, pelas grimpas transpostas, pelas florestas vencidas! Mas sobretudo pelas sepulturas dos teus filhos, minha Terra!

Balistas! Picadas! Cruzes! Paulistas, paulistas, paulistas!

Foi sob teu céu, sob os farapos das tuas neblinas, ao amplo oxigenio dos teus sóes, que a America Brasileira, fundiu entre fráguas, os seus cyclos maiores e respirou entre affirmações, as suas liberdades primeiras. — Em ti, minha Terra, palpitarã todas as vitaminas da nossa formação.

Filhos d'outras provincias, abalaram-se das distancias, deixaram querencias e pagos, largaram sitios e cidades, e vieram buscar em ti, haurir em ti, na tua Academia, os rumos decisivos do seu proprio destino.

Junto á ara das cathedras, adejaram revoadas e revoadas de gerações.

Pelos pateos, e salas, e arcadas e bancos, não zumbiram apenas as abelhas doiradas da juventude, nem sómente fretinaram as sonôras cigarras da poesia! Allí viveram também, allí ficaram, para sempre, numa

tura d'uma victoria sem lucta, que nos acorrentou depois, á quadriga de César. E dizem-se nossos Irmãos! Ramada da mesma cépa, projecção do mesmo plasma! Mentira! Mãos fraticidas, sim! Tôrvas mãos d'unhas compridas mãos rapáces, fermentidas, que apunhalam por detraç! Mãos que romperam numa insânia tôrpe, inutil, toda a tunica inconsutil, dos destinos nacionaes. E não houve razão, não houve sentimento, barreira alguma, não houve quem lhes empecasse a avançada.

A avançada?! O avango! Que tudo eram appetites. Nada valeu. Nem o Passado pela Historia. — Nem o pensamento pela lingua. Nem a Religião pelo mesmo Deus! Nem os destinos pela mesma Dôr! que tudo eram estomagos.

Essa bandeira que ahi se levantou ao tôpo de todas as piratarias, não é a flammula saudavel e esventolante das recomquistas. E' o trapo vermelho dos leiloeiros! Ahi não se inscreveram Liberdades — Bordaram-se martellos.

E, ao seu drapejar, dentro dos balcões improvisados, traduzido em almoçada a dignidade de um povo e o suor d'uma gente, ainda se ouvem os prégões da outubrada: — Quanto me dão por S. Paulo! Quanto me dão!!

E's paulista? Então tu bem escutas, esse fundo clamor, seismico, enorme; esse estertor, esse gemer, esse lamento, rasgando tumulos, esventrando a terra, até os mais ímos penetraes! São

Que dolorosa a tua provação! Si hontem era a bastilha, hoje é a senzala! Si hontem era a algema, hoje é o rebenque! Si hontem seria a desgraça, hoje é o crime.

Não foi o companheiro que viesse dar-nos a mão para a liberdade commum! Foi a aven-

nhos que deflue. E' o reviver de todas as fanfarras. Claro éco de todas as patrulhas. E' Castro Alves que clarina! E' Ruy! E o Brasil com certeza sentiria, nesse nobre revôo salutar, que a sua Alma ficou na Academia, como "dentro de um busio ficaria a memoria do Mar".

Minha terra! Minha pobre terra! Alma desfeita dessa mesma Brasilidade, a que dêste, numa permanente renuncia, as mãos o ouro, o sangue! Tu foste o filho abençoado, O amigo certo, O melhor irmão!

Foste para o Brasil, em todas as suas Horas, O Clarim! A Clareira! O Clarão!

No entanto, do Norte, do Sul, de toda a parte, os homens se levantaram para a lucta! Pelo Brasil? Por uma Patria melhor? Por dias mais claros? Não! Foi contra ti, São Paulo! Era o velho levedo adormecido de odios de tribu contra tribu. Era o fatalismo de sombrias anamnêses de raças e de tabas.

Razões gastricas eram! Fizeram da nacionalidade um pretexto e invadiram-te. — Fizeram da liberdade um rótulo e humilharam-te. — Fizeram de Itararé uma gazua e desfizeram-te.

Que dolorosa a tua provação! Si hontem era a bastilha, hoje é a senzala! Si hontem era a algema, hoje é o rebenque! Si hontem seria a desgraça, hoje é o crime.

Não foi o companheiro que viesse dar-nos a mão para a liberdade commum! Foi a aven-

(Conclui na 6.a pag.)



LISTAS DE ASSINANTES

**NOVA EDIÇÃO!**

O PRAZO ENCERRAR-SE-Á EM 17 DO CORRENTE

Se V. S. deseja fazer alterações no modo de figurar, incluir nomes adicionais, colocar títulos para reunir mais de um telefone sob o mesmo nome, dirija-se, por escrito ou pessoalmente, antes do dia 17 do corrente, à

**COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA**  
DEPARTAMENTO COMERCIAL

Rua 7 de Abril, 309

As alterações ou inclusões referentes a telefones de NEGÓCIOS ou PROFISSÕES devem ser pedidas à

**LISTAS TELEFÔNICAS BRASILEIRAS S. A.**

(Agentes autorizados da Companhia Telefonica Brasileira)  
Rua Cincinato Braga, 388

**Participe estudante**

das inúmeras vantagens que o  
**BANCO DA AMÉRICA S. A.**  
oferece aos seus clientes.

Abrindo uma conta numa de nossas agências V. S. terá o conforto, segurança e rapidez de que necessita.

Todas as operações Bancárias

**BANCO DA AMÉRICA**

SOCIEDADE ANÔNIMA

MATRIZ: Rua São Bento, 413 - Fone: 37-3111 - São Paulo  
Sucursais e Agências: RIO (2). SANTOS (2). CURITIBA  
AMPARO, BRAGANÇA PAULISTA e PARANAGUA

**SERVIÇ SEMPRE MELHOR A UM  
MAIOR NÚMERO DE CLIENTES**

# O 9 DE JULHO

ARNALDO BARBOSA

Pr'a frente! E a turba dos bravos  
partiu cantando pr'a guerra,  
deixando os grilhões de escravos  
despedaçados por terra!

Rataplan! Cabeça erguida,  
de capacete e fuzil,  
passava a tropa aguerrida,  
passo firme, varonil!

Passava. E cada soldado,  
aos gritos da multidão,  
sentia em si redobrado  
o sentimento sagrado  
que tinha no coração!

Inflamada de civismo  
tumultuava a multidão,  
vibrando de patriotismo,  
chorando de comoção!

Pr'a frente! E a gente da terra,  
da heroica terra paulista,  
partiu cantando pr'a guerra  
em busca de outra conquista!

Rataplan! Grandes cartazes  
gritavam por toda parte:  
"Se és paulista, que fazes?!...  
— Consulta a consciência e parte!

Pr'a frente! O Brasil inteiro,  
O irmão gaúcho, o nortista,  
o nordestino e o mineiro  
estão conosco, paulista!

Rataplan! No céu de Julho  
no límpido céu de anil,  
vibrava cheio de orgulho  
o coração do Brasil!

Pr'a frente! Cerrar fileiras,  
soldados do meu torrão,  
que, além das nossas fronteiras,  
de outras zonas brasileiras,  
outros soldados virão!

Rataplan! Cabeça erguida,  
de capacete e fuzil,  
passava a tropa aguerrida,  
passo firme, varonil!

Mas... nas fronteiras do norte,  
nas rampas de Itararé,  
sômente a traição e a morte  
lá estavam, a rir, de pé!!!

Pr'a frente! E a turba dos bravos  
partiu cantando pr'a guerra,  
deixando os grilhões de escravos  
despedaçados por terra!

Rataplan! Zunar de balas,  
estrondejar de canhões!  
E os cadáveres, nas valas,  
iam ficando aos montões!...

Pr'a frente! Cansaço e fome,  
frio, horror, morte, traição!  
Tôda a miséria sem nome  
tôda a longa expiação!

Depois... depois o tormento,  
depois vergonha e suplicio,  
pr'a aumentar o sofrimento,  
pr'a coroar o sacrificio!...

Mas... ai! Na terra dos bravos  
não há lugar pr'a poltrões,  
Não dobram fronte de escravos,  
não há pulsos pr'a grilhões!...

Calm!... o filho dileto,  
o bom filho do Senhor  
está com o peito repleto  
de cicatriz e de dor!

Mata! Se o sangue que escorre  
é nobre, — caia no chão!  
Rola no abismo quem morre,  
mas fica a Idéia, — um clarão!

Pr'a frente! E a turba dos bravos  
partiu cantando pr'a guerra,  
deixando os grilhões de escravos  
despedaçados por terra!

Rataplan! No céu de Julho,  
no límpido céu de anil,  
vibrava cheio de orgulho  
o coração do Brasil!



A cada companheiro tombado, nova centelha de heroísmo  
se acendia no coração dos moços.

## Aos companheiros da "Coluna Romão Gomes"

No ano do IV.º Centenário de São Paulo, a  
grande data de 9 de Julho não pode ser esquecida.  
Muito ao contrário, há redobrado motivo para que  
se dê maior realce à sua comemoração.

Ao lado das grandes figuras de Nóbrega e  
Anchieta, passando pelos heróis das bandeiras  
que deram a grandeza física ao Brasil, de Feijó,  
José Bonifácio, dos heroicos voluntários paulistas  
da Retirada da Laguna, alinham-se os vultos em-  
polgantes da guerra paulista, Pedro de Toledo,  
General Julio Marcondes Salgado, Romão Gomes,  
lídimos representantes de cerca de mil heróis anô-  
nimos que tombaram no campo da luta.

Na imensa galeria dos grandes de Piratininga,  
nossos mortos gloriosos de 1932 completam as  
falanges de líderes que sob a bandeira Paulista  
sempre batalharam pela grandeza do Brasil. Des-  
sas lutas e dessas batalhas é que o Brasil nasceu.  
Porisso nos dias tenebrosos que atravessamos ter-  
rá de ser de São Paulo que há de vir a redenção  
moral de nossa Patria.

Conclamamos, pois, todos os companheiros  
da jornada Constitucionalista e de forma especial  
aqueles que integraram a gloriosa "Coluna Ro-  
mão Gomes" para que não falem às comemora-  
ções de 9 de Julho do ano do IV.º Centenário de  
São Paulo.

Nossa luta não terminou, há, ainda, um pro-  
grama a cumprir. O Brasil espera, olhos fixos  
em São Paulo, o toque de reunir para a nova ar-  
rancada que há de expulsar os vendilhões que  
o estão afogando num verdadeiro mar de vício e  
corrupção.

São Paulo, 23 de Maio de 1954

Herbert V. Levy

Hermann Moraes Barros

### Um fantasma...

(Conclusão da 14.ª pag.)  
você, eu saía de uma festa, lá  
nela madrugada. Chovia horro-  
rosamente, não oude achar nenhum  
taxi vazio. Vesti minha capa,  
abri o guarda-chuva e sai pelas  
ruas quando de súbito alguém  
foi-se aproximando de mim. Era  
uma mulher, uma linda mulher  
toda de branco. Apressel-me em  
abrir-lhe o meu guarda-chuva e  
cobri-lhe os ombros nús com  
a minha capa, perguntando in-  
tricadíssimo a mim mesmo quem  
poderia ser aquela criatura...

Como o leitor deve estar lem-  
brado, quando entrei no escritó-  
rio tive a prudência de ficar per-  
to da porta, o que favoreceu  
enormemente minha retirada an-  
tes que ele perdesse o impermé-  
vel ou, melhor, antes que o moço  
do primeiro impermeável voltasse  
do bar. Fui pensando pelo cor-  
redor na atual desmoralização em  
sociedade dos mais graves e sé-  
rios temas: desmoralizam os vi-  
vos, desmoralizam os mortos e,  
nesse descalabro, nem os fantas-  
mas escapam. E lembrei-me com  
saúde dos meus fantasmas de  
Sertãozinho, dignos e solenes fan-  
tasma da minha infância e não-  
galhofeiros colecionadores de ca-  
pas.

### O grande...

(Conclusão da 14.ª pag.)  
paulistanismo e consequente pa-  
triotismo, por sua bandeira, por  
seus símbolos, atestam o suce-  
so do IV.º Centenário. Uma fes-  
ta realmente significativa não  
é aquela em que apenas fogos  
de artifício rasgam os céus com  
seu brilho e belos e demagógicos  
discursos são pronunciados, com  
o cintilar tão oco como o da-  
queles, mas aquela da qual fica  
na lembrança alguma coisa ver-  
dadeiramente expressiva, e des-  
se ano todo preto, branco e ver-  
melho ficará um maior conhe-  
cimento e consequentemente um  
maior amor a São Paulo, pois  
o mais sincero, seguro e genuí-  
no amor é aquele fruto da maior  
convivência, compreensão e co-  
nhecimento do objeto amado:  
São Paulo de Piratininga se tor-  
nou conhecido, sua bandeira  
não mais é, como o foi por mul-  
tos a não distantes dias, con-  
fundida com a norte-americana,  
e o paulista tomou consciência  
do lema do seu braço:  
"Não sou conduzido, conduzo".  
Maior sucesso não poderia ter  
o IV.º centenário, do que ter  
necido no coração do paulis-  
ta maior amor à sua terra ban-  
deirante.

## INDICADOR PROFISSIONAL

VICENTE COMODO

ADVOGADO

RUA SILVEIRA MARTINS, 70 — 2.º ANDAR — SALAS 208 a 211  
TELEFONE: 32-6822

ELIAS SIQUEIRA CAVALCANTI  
ROBERTO GONÇALVES FAVERO

ADVOGADOS

ESC. — R. JOSE' BONIFACIO, 110 — 1.ª S.-L. — SALAS 7 a 9  
TELEFONES: 32-6268 e 32-3857

JOSE' RAMOS DE FREITAS  
SYLVIO DE CAMPOS MELLO FILHO  
WILSON NOGUEIRA SOARES

ADVOGADOS

R. TABATINGUERA, 34 - 4.º A. - FONE: 32-6843 - S. PAULO

HILARIO FREIRE

ADVOGADO

ESC. — R. JOSE' BONIFACIO, 250 — 4.º ANDAR — SALA 140  
SÃO PAULO

DÁRCIO MOREIRA ALVES FERREIRA  
FRANCISCO EMYGDIÓ PEREIRA NETO

ADVOGADOS

R. FELIPE DE OLIVEIRA, 21 — 3.º ANDAR — SALAS 4 e 5  
(Esq. Praça da Sé) — TELEFONE: 32-4787

JOSE' FORTUNATO

ADVOGADO

RUA 11 DE AGOSTO, 52 — 3.º ANDAR — CONJ. 402  
TELEFONE: 33-1955 — S. PAULO

JOSE' LUCIO MOREIRA DA FRANCA

ADVOGADO

RUA 11 DE AGOSTO, 52 — 1.º ANDAR — S. 1 — FONE: 37-3637

CICERO DE FREITAS

ADVOGADO

RUA S. BENTO, 290 — 5.º ANDAR — SALAS 8 e 9  
TELEFONE: 32-9440

JOÃO DE OLIVEIRA FREITAS FILHO

ADVOGADO

AV. RANGEL PESTANA, 271 — 7.º ANDAR — CONJ. 71  
TELEFONE: 35-3483 — Das 9 às 11 horas

MARCIO ELISIO DE FREITAS

ADVOGADO

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 69 — 9.º ANDAR —  
TELEFONE: 35-0006

FRANCISCO DE FARO FRANCO

ADVOGADO

EDIFÍCIO «OCEANIA» — SALVADOR (BAHIA)

CLOVIS BRASIL FRAZÃO

ADVOGADO

PRAÇA CLOVIS BEVILACQUA, 303 — 2.º ANDAR — CONJ. 3  
TELEFONE: 37-8432 — S. PAULO

ATALIBA DE FREITAS

ADVOGADO

R. QUINTINO BOCAIUVA, 191 — 6.º ANDAR — CONJ. 62  
TELEFONE: 35-1698 — S. PAULO

NAUM FRANKENTHAL

ADVOGADO

R. SEN. FEIJÓ, 115 — 9.º ANDAR — FONE: 33-7493 — S. PAULO

RENATO FERRARI

ADVOGADO

R. DO COMERCIO, 22 — 2.º ANDAR — SALAS 3 e 5  
TELEFONES: 37-7166 e 37-8259

RAUL F. CRUZ

ADVOGADO

R. CONSELHEIRO CRISPINIANO, 344 — 2.º ANDAR — C. 205  
SALA 3 — TELEFONE: 34-3340 — S. PAULO

LUIZ ANTONIO DE FIGUEIREDO

ADVOGADO

RUA XAVIER DE TOLEDO, 14 — 5.º ANDAR — FONE: 35-3977  
SÃO PAULO

ARY PACHIARI

ADVOGADO

RUA SENADOR FEIJÓ, 176 — 8.º ANDAR — COJUNTO 809-813  
TELEFONE: 32-6726 — S. PAULO

NELSON B. FERNANDES

ADVOGADO

R. BOA VISTA, 162 — 7.º ANDAR — FONE: 36-8652 — S. PAULO  
Res. RUA CAMPOS SALES, 228 — STO. ANDRÉ

EDIR LOPES ARAPAHY FERNANDES

ADVOGADA

AV. RANGEL PESTANA, 271 — 6.º ANDAR — CONJ. 61  
TELEFONE: 35-3681

JARDINEIRA PAULISTA

FLORISTAS

DECORADORES

ANGELO RINALDI

Rua Líbero Badaró, 471 — São Paulo

### Serviço Social da Indústria em São Paulo

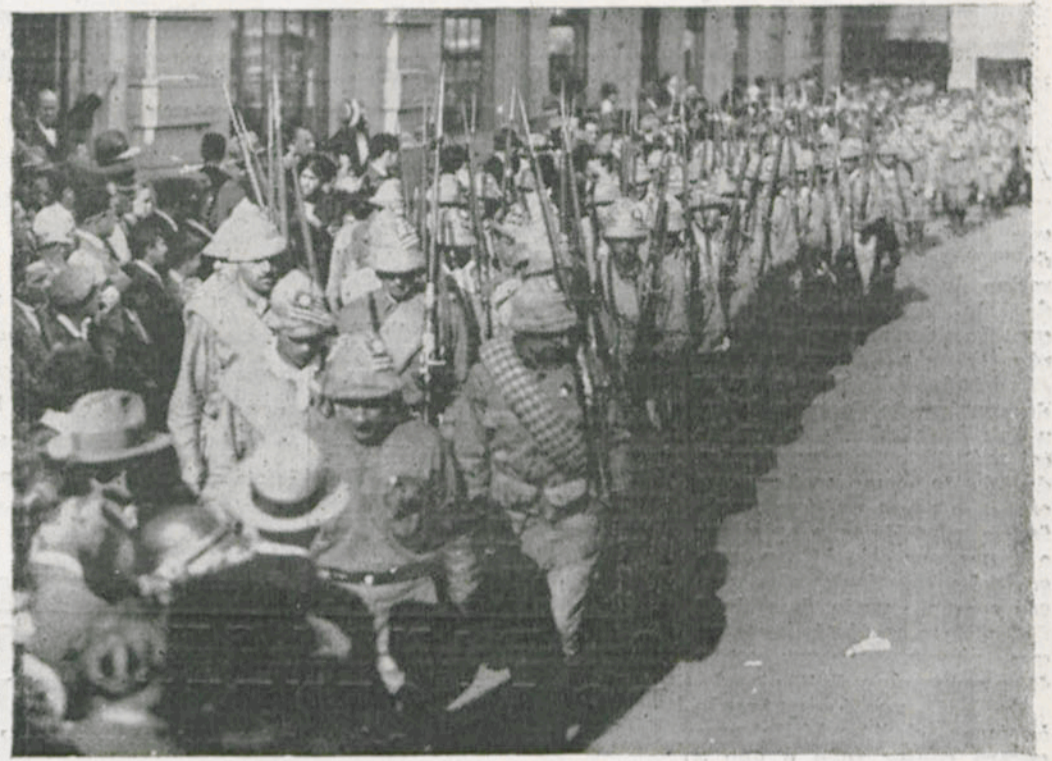
O Departamento Regional do SESI de São Paulo, mantém Ambulatórios Médicos e Odontológicos, Hospitais, Cosinhas Distritais, Postos de Abastecimento, Cursos de Alfabetização e Instrução Complementar, Cursos de Corte e Costura, Centros de Aprendizado Doméstico, Escritórios Jurídicos, Centros Sociais, Clubes do Trabalhador, Serviço de Cinema, Teatro e Esportes, destinados aos trabalhadores da indústria e suas famílias.

# CRISTAIS PRADO

a marca dos cristais finos



FORNECEDORES DOS MAIORES HOTÉIS, BOITES, RESTAURANTES  
E CLUBES DO PAÍS



Batalhões organizados de um momento para outro, encheram-se de glória no campo da luta. Destacada atuação teve o batalhão «Júlio Marcondes Salgado», que se vê no flagrante acima.

## O PAPEL DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE DIREITO NA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA

AURELIANO LEITE

No outro dia, 10 de Julho, saía daí, do claustro das velhas arcadas franciscanas, o primeiro contingente de homens organizado por elementos da «M. M. D. C.», à frente Fernão Saies, talvez a nossa primeira vida tombada, que desfilaram até o Pátio do Colégio, para prestar continência ao Embaixador Pedro de Toledo, o qual ia assumir a direção de São Paulo, livre do guante da ditadura, agora como governador de fato dos Paulistas. Lembre-se que foi ainda um professor da lendária Faculdade — Waldemar Ferreira, quem lançou solenemente a proclamação de uma das sacadas do antigo Palá-

cio da Cidade — o ex-Colégio do taumaturgo José de Anchieta: — «Atendendo à aspiração do Povo, Exército e Força Pública, o Dr. Pedro de Toledo é acimado, neste momento, Governador do Estado de São Paulo».

Mas, já agora, sou tentado a reproduzir a inteira descrição desse episódio memorável, extratando-o de meu livro «Martírio e Glória de São Paulo».

«A cidade delirava sob a notícia da acimação de Pedro de Toledo, às 15 horas. O povo aluiu para o «Triângulo» e abarrotou todos os claros que envolvem o velho e feio palácio piratuniano. Os secretários de estado e cnezes da Revolução foram aos Campos Elisios buscar o Sr. Pedro de Toledo. Trouxeram-no para a cidade,

sob as ovações das ruas quase intranponíveis. A «M.M.D.C.» tomou parte na aclamação. A custo, desfilou pela cidade o seu primeiro contingente de homens, prontos a marcharem para a frente. No largo do Palácio, esse tróço de voluntários dissolveu-se na massa popular, perdendo a formatura. Nesse momento, apareceu a uma das janelas presidenciais o Sr. Pedro de Toledo. Ficou ladeado de seus secretários e altas patentes militares do Exército e da Força Pública.

O povo, que tinha os olhos pregados na fachada do edifício, emudeceu comovidamente. De barulho ensurdecedor, caiu-se, como na música de Wagner, em um silêncio profundo. E o Dr. Waldemar Ferreira, com voz for-

te e espaçada, disse do alto da casa presidencial para a praça a seguinte frase:

«Atendendo às aspirações do Povo, Exército e da Força Pública, o Dr. Pedro de Toledo é aclamado, neste momento, Governador do Estado de São Paulo».

A massa explodiu em ovações. As bandas de música romperam o hino nacional. Senhoras e senhoritas cantaram juntamente os seus versos. As caixas e os clarins militares soaram.

Daí a algum tempo, cessada a manifestação, os dois rufos da «M.M.D.C.» tangeram seu compasso pouco afinado e safaram-se da multidão, chamando à forma os seus homens.

No largo da Sé se refizeram as

(Conclui na 2.a pag.)



O historiador Aureliano Leite, que além de contribuir para o engrandecimento de São Paulo com sua obra de intelectual, teve destacada atuação no movimento armado.

O papel dos estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco nas revoluções de São Paulo, quer nas brancas, quer nas vermelhas, sempre se revestiu de importância. Mas, em nenhuma delas, se mostrou de tanto relêvo como na de 1932.

Muito antes das jornadas famosas de 22 e 23 de Maio, já os rapazes da lendária Faculdade estavam em todas as conspirações contra a ditadura getuliana, oferecendo-se amiúde, de corpo descoberto, aos maiores perigos.

Com efeito, nas manifestações de rua e nos comícios célebres, realizados na oportunidade das mais caras efemérides paulistas, eram eles que faziam o volume impressionante das massas populares; eram eles que discursavam ardentemente ao lado dos tribunos políticos, eram eles que se atiravam de maneira intrépida contra as resistências opostas pelo negro poder discricionário.

Na jamais olvidada «M.M.D.C.», que se tornou numa auxiliar eficiente da Revolução, além de posuírem representantes na sua direção, esses rapazes prestaram notáveis serviços preparatórios.

E' lembrar que, quando a «M. M. D. C.», instalada no Clube Comercial, antes mesmo do assalto à Chácara do Carvalho, para onde o Cor. Rabelo mudara a sede

da Segunda Região Militar, invadiu e ocupou o velho casarão franciscano da Faculdade de Direito, se não fora a coadjuvação enérgica de sua mocidade, ter-se-ia aquela corporação para outro lugar tão bem indicado como esse, no grave mister do momento.

Tenho vivo nas retinas o espetáculo cívico dessa noite de 9 de Julho de 1932.

O velho casarão, já porventura condenado a ser dolorosamente destruído pela picareta de um progresso desaimado, ostentava na sua fachada a bandeira paulista das treze listras. Para marcar o carácter do movimento, que era de sentido genuinamente nacionalista, lá estava também o pavilhão brasileiro.

Ocupando todo o rés do chão, pátios e salas veneráveis do vasto edifício, homens moços, maduros, tomados de vivacidade nervosa, exercitaram-se, ombro a ombro com os estudantes, no manejo de armas de guerra — fuzis e metralhadoras portáteis.

No fronteiro largo célebre de São Francisco, um movimento de susado, não de curiosos, mas de atores da gloriosa arrancada.

A proporção que a noite avançava, a azáfama belicosa crescia no seu entusiasmo frenético e as folhas do alistamento de combatentes enchiam-se de nomes.



## ODE A NOVE DE JULHO

PAULO BONFIM

### ANTEMANHÃ

Clamai, ó ventos da noite!  
As baionetas caladas  
Rasgam neblinas de Julho!  
No campo azul das lembranças  
As vozes emudeceram  
E os olhos são prisioneiros  
Da glória que vai nascer  
Entre os louros da manhã!  
Clamai, ó ventos da noite:  
Cada soldado é um rochedo  
Desafiando marés...  
As ondas rolam de longe,  
Avança a espuma do ódio  
Cobrando de maresia  
O rosto das sentinelas  
E entrecortando de angústia  
As preces que vêm da terra.  
No frio da madrugada  
Os rios e os cafezais,  
Vilas, campos e cidades  
Despontam na noite antiga  
E a paisagem se transforma  
Em preto, branco e vermelho.

### A MANHÃ

Manhãs de Julho boiando  
No sangue da mocidade!  
Résteas de luz transpassando  
A alma clara das águas...  
O aço das baionetas  
Rasga estrelas de martírio  
Na face verde dos campos.  
Só a terra tem memória,  
Só a terra viu brotar  
Rosas de sonho e de lenda  
Sôbre cruces de madeira!  
Só a terra viu crescer  
Alvos lírios côr de prata  
Sôbre o corpo dos heróis.  
Só a terra tem memória:  
Verde memória dos campos!  
Lembrança de velhos gestos,  
Dias antigos que voltam,  
Baldas varando silêncios,  
Esperanças que renascem,  
Trincheiras que se entreabrem:  
— Os mortos marcham de novo  
Pela glória de São Paulo!

### O TÚNEL

Túnel da vida e da morte...  
Os relógios silenciaram  
E os ponteiros são espadas  
Mergulhados no impossível!  
Túnel da vida e da morte!  
Na frase clara do dia,  
Entrecortando montanhas,  
Um parêntese de treva  
Separa manhãs de ontem  
De crepúsculos futuros...  
Túnel da vida e da morte,  
Canção de guerra nos trilhos:  
Blindados são os caminhos  
Que penetram no porvir!  
Anjos da morte vagueiam  
Pelos campos de batalha,  
E os horizontes se tingem  
De luto, neblina e sangue...  
No abismo da tarde cinza,  
Só a esperança não morre,  
Porque a esperança é São Paulo,  
E a glória renascerá,  
Além dos túneis de sombra,  
Na prece azul da saudade,  
Para que os mortos sorriam  
Entre as cruces de madeira  
E a voz dos lírios de prata.

# COM A PALAVRA AS ACADÊMICAS

## APRESENTAÇÃO

É com grande júbilo e honra que iniciamos nesse número do "XI de Agosto", comemorativo do 9 de Julho do ano do IV.º Centenário da nossa querida cidade, a secção feminina "Com a Palavra as Acadêmicas", júbilo por se tratar do suprimento de uma falha, a da não existência de um local próprio, onde a acadêmica de Direito, como mulher que estuda e pensa pudesse manifestar suas idéias e opiniões; e honra por coincidirem nos primeiros titubeantes passos com a grande data de 9 de Julho e mais, do ano em que nos repositamos com o 400.º aniversário de São Paulo.

Dedicada que é essa secção à moça da Faculdade, procurará conter tudo o que a interesse, e para tanto espera a sua colaboração, estando a redatora a disposição das colegas para tudo que a estas colunas se refira, e mais ainda, lhes pede o apoio necessário, pois da acadêmica dependerá que essa secção subsista e alcance o sucesso que deve ter o órgão feminino da Faculdade de Direito.

As que pelas Arcadas em outros anos passaram não serão também esquecidas, em cada número, se possível, alguma coisa nos recordará algum dos nomes que abrilhantam a já bem numerosa galeria das ex-alunas da escola que nesse Brasil mais produziu em gênios nas letras e nas artes.

Como não poderia deixar de ser a nossa principal colaboradora é a querida Lygia Fagundes Teles, bacharelanda de 1945 e escritora conhecida, autora, entre outros de "Práia Viva", "O Cacto Vermelho", inúmeros contos e crônicas. Muito amável e atenciosamente a Sra. Gofredo da Silva Teles Jr. em resposta a um nosso pedido, nos ofereceu "Um Fantasma Social" que nesta página publicamos. Es-

peramos contar sempre com o concurso desta valiosa colaboradora bem como, de outras ex-acadêmicas.

Outras colegas, de vários anos, conosco colaboraram e esperamos que esse exemplo seja seguido e que essa semente que agora modestamente lançamos frutifique, e na secção "Com a Palavra as Acadêmicas", de agora em diante, seguidamente publicada, transpareça realmente a mentalidade da estudante de Direito do largo de São Francisco.

## O GRANDE SUCESSO DO IV CENTENÁRIO

Beatriz Regina de Drummond

Enquanto o paulista decepcionado com as festividades, que esperava para comemorar os quatro séculos de existência de sua querida paulicéia, lança um olhar cheio de esperanças para o já presente 9 de Julho, que tanto promete em luz, som e alegria, lembrando agora não apenas aquele sangrento 9 de Julho de há 22 anos atrás, quando um ideal de liberdade foi despedaçado por um metralhar mais potente, mas também os séculos de uma existência gloriosa que o 25 de janeiro não comemorou devidamente; e enquanto a cidade toda se embandeja e se engalana com a alegria do 400.º aniversário da terra em que até os arranha-céus parecem as velas do grandioso bolo natalício, não contando apenas os seus anos, mas ainda as suas glórias em número infinito; o homem da rua não vê que alguma coisa estranha e maravilhosa está acontecendo, que a força de tanto falar em

Eu estava numa dessas monstruosas ruínas litero-musicais, povoada de gente de cabeça vazia e copo cheio, e onde se falava muito mas não se dizia absolutamente nada. No salão, uma senhora imensa, de busto montanhoso e quadril vasto como uma planície, cantava numa vozinha

São Paulo, em venerar seus símbolos, que até então desconhecia, e agora vê por toda a parte, o paulista está se tornando mais paulista, e o forasteiro de outras terras e os brasileiros de outros estados se vão mais e mais integrando no espírito da cosmopolita Piratininga que os acolheu e lhes possibilita enriquecimento e felicidade.

Cidade de grandezas, cabeça e guia do Estado, tem agora sua bandeira, que quiseram relegar ao esquecimento, mas que o fogo não destruiu, tornou-se mais vibrante e dominadora, com suas tiras retas, firmes e o topo vermelho incandescente, reverenciada, respeitada e conhecida por todos que nesta terra vivem ou que a visitam.

Os braços municipal ("Non ducor, duco") e estadual ("Pro Brasilia fiant eximia") espalhados por toda a cidade, e nessa tão feliz iniciativa por todas as casas dos paulistas, de nascimento ou de coração, simbolizam ainda o amor à terra, que na adversidade política em que se encontra o estado naturalmente lider da União, combatido pela razão mesma dessa grandeza e inata primazia, são ainda uma esperança de que dia virá em que readquirir seu devido lugar de predomínio na administração do país, que seus filhos engrandeceram, como bandeirantes desbravando sertões e transpondo as Tordesilhas, chegando até os Andes; como fazendeiros enriquecendo a pátria com a valiosa e internacionalmente conhecida rubiacea; como industriais elevando além e acima de suas chaminés o nome do produto nacional.

Assim, mais do que as belas festas programadas, as conferências de ilustres sumidades, os congressos, as exposições internacionais, as representações comemorativas, a propagação do

(Conclui na pag. 12)

suave o "dans tes bras, je me sens si petite"...

Fugi sorrateiramente e depois de desavovadas andanças por vastas salas, entrei no escritório. Ali, umas oito pessoas rodeavam muito interessadas um rapaz que parecia se preparar para contar alguma coisa. Tão absorvidas se achavam no que ele estava dizendo ou ia dizer, que nem deram pela minha entrada abrupta. Prudentemente coloquei-me perto da porta. Ele sorveu alguns goles de uísque, acendeu um cigarro e sem nenhuma pressa começou a falar com aquele ar tranquilo de quem já conseguiu um auditório certo. Tinha a voz profunda e pausada:

"Eu saía de uma festa. Devia ser umas quatro horas da madrugada e chovia torrencialmente. Sem conseguir nenhum taxi, vesti meu impermeável, abri o guarda-chuva e já enveredava por uma daquelas ruas tão escuras quanto desertas, quando ouvi passos atrás de mim. Voltei-me. Uma moça de branco aproximou-se rapidamente. Trazia um vestido que quasi tocava o chão e na cabeça

tinha uma echarpe que lhe emoldurava suavemente o rosto de uma beleza um tanto vaga, fria... Imediatamente ofereci-lhe o guarda-chuva e tirando minha capa, insisti para que ela a vestisse, não havia mesmo taxi e assim, desagasalhada, certamente iria se resfriar. Ela aceitou com um sorriso e sem maiores comentários fomos andando juntos. Tudo indicava que ela vinha da mesma festa da qual eu acabava de sair, mas por mais que me esforçasse não me lembrava de tê-la visto antes. "Moro aqui — ela disse parando de repente diante de um portão. Olhei para o grande parque que circulava a casa. "Quer que a leve até a porta?" perguntei-lhe. "Não, não é preciso. O senhor foi muito amável, bôa noite — despediu-se e entrou apressadamente. Enfurnei no bolso minha mão que apertara a sua, tão fria e úmida como uma pedra de gelo. E já fazia com os meus botões as mais diversas conjecturas sobre a estranha mulher, quando súbito, após ter dado dez passos, lembrei-me: minha capa! Ela se esquecera de me devolver a capa. Voltei precipitadamente, abri o portão e atravessei a alameda por onde a vira sumir. Afinal, não tinha graça nenhuma eu perder meu impermeável justamente num mês de chuvas tão frequentes... Precisei bater muitas vezes na porta para que se resolvessem abri-la. Estranhei. Está claro que ela não tivera tempo que dormia no andar superior, que dormia no andar superior.

Então, porque tanta demora? Um velho, amarrando o cordão do chambre, apareceu afinal. "Vim buscar minha capa que emprestei aí para a senhorita", fui-lhe dizendo antes que me perguntasse qualquer coisa. Ele me examinou com espanto. "Que capa?" perguntou mal humorado. "A capa que emprestei a uma moça que mora aqui; expliquei-lhe pacientemente. Saimos de uma festa e como chovia, agasalhei-a com meu impermeável que ela esqueceu de me devolver..." O homem não conteve uma careta de irritação. "Ora, o senhor está enganado! Minha filha não foi a festa alguma, está dormindo lá no quarto,

aqui não entrou ninguém!" Indignei-me. "Mas eu tenho certeza de que foi nesta casa que ela entrou! — retorqui, e nesse instante não contive um gesto de triunfo. — Pronto, ali está ela! — exclamei apontando para um grande retrato oval dependurado na parede. E' aquela moça ali que eu trouxe, é essa moça do retrato, creio até que usava esse mesmo vestido branco, acabei de trazê-la! Como é que o senhor me diz que ela não mora aqui?" O velho empalideceu. Longo tempo ficou imóvel, os olhos cheios de assombro pregados em mim. Afinal, passando as mãos pelo rosto lívido, disse num fio de voz: "Essa é a minha filha mais moça. Mas morreu há dois anos..."

Um longo "ahn..." de horror se fez ouvir no escritório. O moço esvovou o copo de uísque e prosseguiu com voz soturna:

"Apavorado, ajudei o velho a procurar minha capa, examinamos o parque rebuscamos tudo... Nada! Despedi-me e fugi angustiado daquele lugar. Alguns dias

depois, o velho me telefonava, que eu fosse em sua casa buscar minha capa. Consegui-me encontrar porque achara num dos bolsos meu cartão de visita. E antes que, cheio de surpresa eu lhe perguntasse como a conseguira, ele explicou com voz sumida: "Encontrei-a hoje cedo, no cemitério, bem em cima da sepultura de minha filha".

Houve um silêncio sucedido de perguntas precipitadas. O narrador ergueu-se com um sorriso. "Vou até o bar buscar um uísque e já volto para lhes contar outro fato" disse e saiu da sala, justamente no momento em que entrava ali um senhor de cabelos alourados. "Sobre o que falavam?" perguntou a uma das moças. "De assombrações. Você acredita nisso?" alguém quis saber.

Ele tirou uma bafurada do charuto e sentou-se pensativamente numa poltrona.

"Realmente, eu não acreditava até a noite em que me aconteceu um fato tão extraordinário que me deixou estarecido! Imaginem

(Conclui na pag. 12)

## Diretoria do Departamento Feminino para 1954

DIRETORA — THEREZA CHRISTINA HERNANDEZ  
1.ª VICE-DIRETORA — MARIA JÚLIA AMARAL ANTUNES

2.ª VICE-DIRETORA — MARIA CARMEN MARTINS  
SECRETÁRIA — LILIANA VALÉRIA GIANÓBILO  
TESOUREIRA — SAMARA JAFET

### DIRETORAS DE DIVISÃO

SOCIAL — BEATRIZ GUIMARÃES LEITE

CULTURAL — NEIDE CARICCHIO

REDAÇÃO — BEATRIZ REGINA DE DRUMMOND ..

## RECEPÇÃO AS CALOURAS DO IV CENTENÁRIO

Discurso de José Gregori — Agradecimento da «caloura» Regina Merege — Presente à festa o Prof. Alvinio de Lima

Yvone Mallentjer

Num ambiente de grande camaradagem e num clima de contagiante alegria realizou-se no dia 1.º do mês de Junho às 17 horas, no "Bluc Reom" da Sears o chá que as veteranas gentilmente ofereceram às calouras.

Tudo o que nosso mundo estudantil tem de mais representativo afluíu ao encantador salão que viveu, assim, um dos seus momentos mais sugestivos. O referido salão dava a impressão de um jardim florido sendo de ressaltar a eficiência do serviço de mesa que contribuiu para maior brilho da inesquecível reunião.

Houve um momento de silêncio quando a gentil Srta. Thereza Cristina Hernandez diretora do Departamento Feminino anunciou o nome do já tão conhecido orador do Centro Acadêmico "XI de Agosto" o universitário José Gregori, que numa brilhante oração deu as boas vindas às calouras às quais desejou muita sorte no caminho árduo mas compensador dos estudos.

Depois, Regina Merege, representante das calouras presentes, numa breve alocução agradeceu as atenciosas homenagens de que tínhamos sido alvo. Foi bastante feliz a cara colega

quando adiantou que mãos amigas já se estendiam para nós e, desde já, podíamos contar com o espírito fraternal de nossa Faculdade. Sallentou ainda, que, guiadas por esta amizade espontânea, poderíamos seguir confiantes, sem temer tropeços, lançando apenas a Deus uma prece para que Ele assim a conservasse eternamente. Terminou o discurso com um sincero e comovido "Muito Obrigado".

Depois de um ligeiro improviso da viva e inteligente colega Eunice tivemos o grato prazer de ouvir as sábias palavras do mestre Alvinio Lima que despertou na alma incerta das calouras a consciência da responsabilidade universitária. Foi uma verdadeira aula aquela ministrada pelo ilustre professor que não deixou de externar a satisfação que tinha em ver o número crescente de moças que entram para a Faculdade de Direito de São Paulo.

Terminou este chá de confraternização com apertos de mão e abraços amigos.

E' de se esperar que ocasiões como esta se repitam todos os anos para que haja maior elo de amizade entre calouras e veteranas que não são, realmente, senão moças igualadas e identificadas por um mesmo ideal.

## BANCO NACIONAL DA CIDADE DE SÃO PAULO

(Fundado em 1924)

Capital e Reservas Cr\$ 77.000.000,00

Uma completa Organização Bancária Às Suas Ordens

Depósitos — Descontos — Caução — Câmbio — Cobranças — Custódia — Ordens de Pagamento — Cofres de Aluguel

RAPIDEZ — EFICIÊNCIA — ECONOMIA

MATRIZ — Rua São Bento, 341 — São Paulo

AGÊNCIAS URBANAS NA CAPITAL:

BRÁS — Av. Celso Garcia, 503 — Tel. 9-1297

CENTRAL — Rua Marconi, 45 — Tel. 34-3292

LAPA — Rua Cincinato Pamponet, 187 — Tel. 5-0950

LUZ — Rua Florencio de Abreu, 637 — Tel. 34-0566

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO — CURITIBA — SANTOS

AGÊNCIAS NO INTERIOR:

Barra Mansa (E. do Rio), Botucatu, Cambará (E. do Paraná), Campinas, Cruzeiro, Jaboticabal, Jacareí, Jaú

Lencóis Paulista, Lorena, Mogi das Cruzes, Mogi Mirim, Paraguaçu Paulista, Pinhal, Piracicaba, Presidente Prudente, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo André, Sertãozinho e Taubaté

Correspondentes em todas as praças do País e do Exterior

COLAS E LIXAS  
GOTTHARD

INDÚSTRIA BRASILEIRA

MARCAS REGISTRADAS

INDÚSTRIA & COMÉRCIO  
GOTTHARD KAESEMODEL L.TDA.

MATRIZ — Joinville — Caixa Postal 90  
Linha de Santa Catarina

FILIAL — FERREAZ DE VASCONCELOS E.P.C.B.  
Linha de São Paulo

FUNDADA EM 1903

# PIRATININGA!

RUBENS DO AMARAL

Durante quatrocentos anos São Paulo trabalhou pelo Brasil, alargando as suas fronteiras, multiplicando a sua área, enriquecendo-o com o ouro, com o café, com a indústria, contribuindo preponderantemente para a criação, neste lado da América, de uma grande nação que na segunda metade do século será uma das quatro ou cinco maiores nações da terra. Contudo, em 30, viu-se invadido e ocupado como povo ini-

migo e escravo. Não só o nosso patrimônio material foi pôsto a saque. Pior foi o assalto ao nosso patrimônio político, cívico e moral por um bando de adventícios que devorou furiosamente os interesses e os direitos de São Paulo, tratado então como uma colônia que os metropolitanos exploram sem dó nem piedade, reduzindo ao cativo os nativos.

Durou um ano a ocupação pacífica. Em fins de 31, a alma paulista entrou

a inflamar-se em cóleras sagradas contra o afrontoso flagelo. A 25 de Janeiro de 32 já as festas da Fundação da Cidade se coloriram da cor vermelha da revolta popular. A 23 de Maio, o povo, nas ruas, proclamou a autonomia de São Paulo em face da ditadura. E, finalmente, a 9 de Julho, foi a grande arrancada para a libertação do Brasil.

Tivemos contra nós o Exército, a Armada, a Aviação, a polícia de vinte Estados e os recursos todos do exterior. Depusemos afinal as armas, com honra e com glória. Mas o que cessou foi apenas a luta militar. A luta política prosseguiu para triunfar na convocação da Constituinte, que era o nosso ideal imediato. A vitória da Chapa Única sobre os agentes da ditadura foi a consagração cívica do movimento armado. E veio, como exigíamos, a Constituição.

Veio para ser novamente estuprada a 10 de Outubro. Mas São Paulo continuou a sua batalha, na guerra subterrânea que levou ao golpe redentor de 29 de Outubro. Jamais os paulistas autênticos se submeteram ao jugo dos caudilhos que superpõem a força ao direito e a opressão à liberdade.

Nesta hora, volvemos à nossa posição de 9 de Julho de 32, contra ameaças que encerram os mesmos perigos de então. Periclita a autonomia paulista ante invasões afrontosas. Temese pelo futuro da Constituição brasileira ante manobras caudilhescas.

E porisso que damos especial significação à comemoração da data neste ano do 4.º Centenário da Fundação da Cidade. É para proclamar bem alto e resolutamente, para conhecimento dos intrusos e dos aventureiros em geral, que Piratininga está de pé, por São Paulo autónomo e pelo Brasil constitucional.

## REVISTA "XI DE AGOSTO"

Em comemoração à data de fundação do Centro Acadêmico «XI de Agosto», da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, circulará no próximo dia 11 de Agosto a revista «XI de Agosto», que conterá em suas páginas: contos, ensaios, críticas, estudos, dados referentes à atual situação do Centro Acadêmico, etc. Aqueles que desejarem colaborar podem fazê-lo enviando seus trabalhos para a redação deste jornal ou para o Centro Acadêmico, com a máxima brevidade possível.



Na hora pensativa do entardecer, a brisa suave transporta à tumba do herói o beijo da mãe, a saudade da noiva, a gratidão da Pátria.

## “A santificada”

de Guilherme de Almeida

Chora São Paulo a perda de seu grande guia... Morreu Pedro de Toledo! Em cada coração de paulista há uma dor e uma saudade. Ele fôra digno da grandeza de São Paulo. No instante supremo em que só restava vencer com São Paulo ou morrer com São Paulo, sua figura imponente se alteara por sobre a multidão ansiosa e,

com a voz pausada e firme, comunicara a decisão que sua consciência lhe ditara: — Tudo por São Paulo! E os idealistas que haviam saído à praça pública, dispostos ao extremo sacrifício, tiveram-no por companheiro até o fim... Agora repousava ali, na serenidade de uma tumba. Sobre seu túmulo, tremulava o pavilhão das treze

listas, beijado docemente pela brisa, como que acariciado docemente pela natureza. Foi quando Guilherme de Almeida, externando em palavras belas os sentimentos que lhe iam na alma personificando a própria alma de São Paulo entou o seu hino de glória. Por nune tutelari: Pedro de Toledo; Por paizagem: o túmulo, o poeta e a bandeira. E Guilherme de Almeida declamou:

## “A SANTIFICADA”



I

Volta ao nosso reduto,  
Com sete tarjas de luto,  
Seis faixas brancas de  
[paz.  
E teu penacho vermelho  
E São Paulo dobra o  
[joelho,  
Ao beijo que tu lhe dás.

II

Vens... tu fôste a con-  
[denada,  
A réproba incinerada  
Que de um impio auto-  
[de-fé,  
Deixa na história um re-  
[sumo:  
Negro carvão, branco  
[fumo,  
Vermelha flama de fé.

III

Retemperou-te a foguei-  
[ra,  
Vens como vinha a ban-  
[deira,  
Da fornalha do sertão.  
Santificou-te o suplicio,  
Repetiu-se o sacrificio  
De Joana D'Arc em  
[Ruão.

IV

Volta a nós vigilante,  
Mãe, esposa, irmã,  
[amante,  
Noiva, filha, volta, pois  
É preciso que se prove,  
Que existiu um dia nove  
De Julho de trinta e  
[dois.

V

E há uma velha faculda-  
[de,  
Ensinando a mocidade,  
Com ela foi que apren-  
[deu:  
E houve um brasão ma-  
[meluco,  
Que disse “NON DU-  
[COR DUCO”!  
E um São Paulo que dis-  
[se “EU”!

VI

E houve uma noite de  
[heroísmo,  
Que marcou o teu batis-  
[mo  
De glória: E porisso é  
[que

VII

Tens quatro letras gra-  
[vadas  
Nas quatro estrelas dou-  
[radas  
Do tópo: M M D C.

VIII

Já a garoa, nosso insen-  
[so,  
Beija o teu pano sus-  
[penso,  
Ao Teu mastro, que é  
[uma cruz.

VII

Vês? É um altar cada  
[casa,  
Sobre a qual estendes a  
[asa  
Rajada de sombra e luz.

VIII

Fala! É preciso que fale  
De tuuo, de rernao Sa-  
[tes,  
De Cunha, Túnel e Buri,  
De Lieuterio, da Pedrei-  
[ra,  
Do soldado e da trin-  
[cheira,  
Que só falavam de ti.

IX

Lembra a mulher da  
[Cantina,  
Do hospital e da oficina:  
Beleza do nosso bem!  
E as creanças num sor-  
[riso,  
Jurando: “SE FOR PRE-  
[CISO,  
N Ó S PARTIREMOS  
[TAMBÉM”!

X

Recorda a campanha do  
[ouro  
Acumulando um tesou-  
[ro,  
Que nunca se exgotará!  
Depois... a prisão, o exi-  
[lio,  
A saudade, o nobre au-  
[xílio,  
Da mão distante que dá.

XI

E agora... agora de no-  
[vo,  
Abençoado este teu povo  
Que tanto soube esperar.  
Esperança dos PAULIS-  
[TAS,

XII

Bandeira das treze lis-  
[tas,  
Desfraldada em cada  
[lar.

XII

Reza a oração que dizia:  
— Preto e branco, noite  
[e dia,  
Pois dia e noite estarei  
Como apóstolo, soldado  
Gente PAULISTA, a teu  
[lado  
Pela Lei e pela Grey...

Há mais de um século servindo todo o Brasil!

**CASA ROSENHAIN**  
DESDE 1.896

INSTRUMENTOS DE ENGENHARIA — ARTIGOS PARA DESENHO —  
PAPELARIA — TIPOGRAFIA — FÁBRICA DE LIVROS EM BRANCO —  
INDÚSTRIA DE ARTIGOS PARA ENGENHARIA E DESENHO TÉCNICO

**E. SCHMIDT & CIA. LTDA.**

R. S. Bento, 358 — Fones: 32-0335 e 32-2537 — Cx. Postal, 385  
Telegramas «ROSENHAIN» .. SÃO PAULO



Galeria  Paulista  
DE MODAS

APROVEITE  
BASTANTE

**Liquidação**  
anual



Os batalhões de voluntários, heterogêneos na formação, mas homogêneos no ideal, escreveram páginas imorredouras de dedicação à nobre causa.

## Nove de julho

Pelos anos de 1500 houve em Portugal o tempo em que os portugueses desvendavam os mares. Tempo dos navegantes. E nossas terras foram descobertas então. Mas como não bastassem as aventuras da navegação mar; pelo fascínio da terra e o ensejo de fazer um povo, em nome de El Rey, em nome de Cristo, surgiu um novo homem a quem chamaram Paulista e uma nova aventura que a história denominou o tempo das Bandeiras.

Porque os homens subiram a serra verde do mar as terras foram alongadas, e porque os homens nelas plantaram seus filhos, suas casas, se fez o povo. E assim, de homem, terra e amor foi feita a Patria.

João Ramalho, no coração de Bartyra, deixou uma cidade que crescerá sempre, para alcançar os filhos que partiram sempre.

Os bandeirantes foram aqueles navegantes do sertão que nunca chegariam ao horizonte porque estavam sempre partindo. E assim partem os que não buscam terras simplesmente, mas os que buscam a Liberdade.

E não poderiam ser verdadeiras as pedras verdes de Fernão Dias, porque nada interrompe quem desvairado, planta, mas prossegue em busca de um fim além do homem e do horizonte.

Sonhadores, nos legaram a liberdade da terra enquanto no reduto de Palmares os negros nos ensinaram a liberdade do homem.

João Ramalho, no coração de Bartyra, deixou uma cidade onde à beira de um rio, outro filho gritou a liberdade, que ficou e se estendeu às terras todas ha-

bitadas pelos filhos que partiram.

O Império, por seus homens, cresceu e se engrandeceu até que a História, fazedora de repúblicas, fez a República, que pela ação do tempo e do homem cresceu e se corrompeu...

Era a República cansada; era a República deturpada. O Brasil vivia sob a lembrança de Ruy e esquecido de Ruy. Impunha-se uma reação. Ela veio no sentido e no resultado da Revolução de 30, pela mão do idealismo sadio da Aliança Liberal; a Aliança Liberal que saiu pelo Brasil inteiro gritando por um Brasil melhor; por um Brasil ausente. Era a palavra velha dos moços: velha na tradição de liberdade e de patriotismo, de um patriotismo num sentido desconhecido mas um sentido autêntico, num sentido autêntico porque desconhecido. Mas a Revolução foi traída. Seus traidores andam por aí a viver ainda do seu mérito, dos méritos que ela teve mas creditou a poucos. Não veio a Constituinte prometida mas evitada sempre. Era o início da carreira de traição e mentira do homem que se tornou beneficiário dela. A Avenida Rio Branco se tornou um grande curral urbano dos traidores da Revolução. E a constituinte não vinha, não vinha nunca.

Faltava a voz de São Paulo. E São Paulo estava mudo porque não podia ter duas vozes; duas vozes que falavam em tons diferentes a mesma língua de revolta, porque ressentimentos antigos não permitiam o coro. Mas haviam de unir-se, como se uniram, no grito uníssono do Nove de Julho. Se existiu ainda epopéia,

se a epopéia tem ainda um sentido que se prolonga no tempo, o Nove de Julho foi uma epopéia, o marco inicial de uma grande epopéia. Ainda ressoa no ouvido dos paulistas de duas gerações a marcha militar com que a velha Rádio Educadora Paulista anunciava as notícias do Nove de Julho em marcha. «Paulistas! Paulistas! Vamos fazer Revolução!». Era São Paulo unido a lutar pela lei, no início do «ora a lei...». O sangue dos paulistas que caíram em 32 se misturou as lágrimas das mulheres que choraram esse sangue e da mistura sagrada dos sacrifícios dos paulistas nasceu a vitória da Revolução... derrotada no campo de batalha. Era a remissão de muitas vidas e de muito sangue e de muitas lágrimas. Mas não morrerá no coração de muitos brasileiros aquela velha vocação de traição. Então se escreveu em um livro:

Aos paulistas que, mortos, caíram em 32

Aos paulistas que, vivos, não caíram depois de 32

Aos paulistas que, mortos, caíram em 32

Aos paulistas que, vivos, não caíram depois de 32

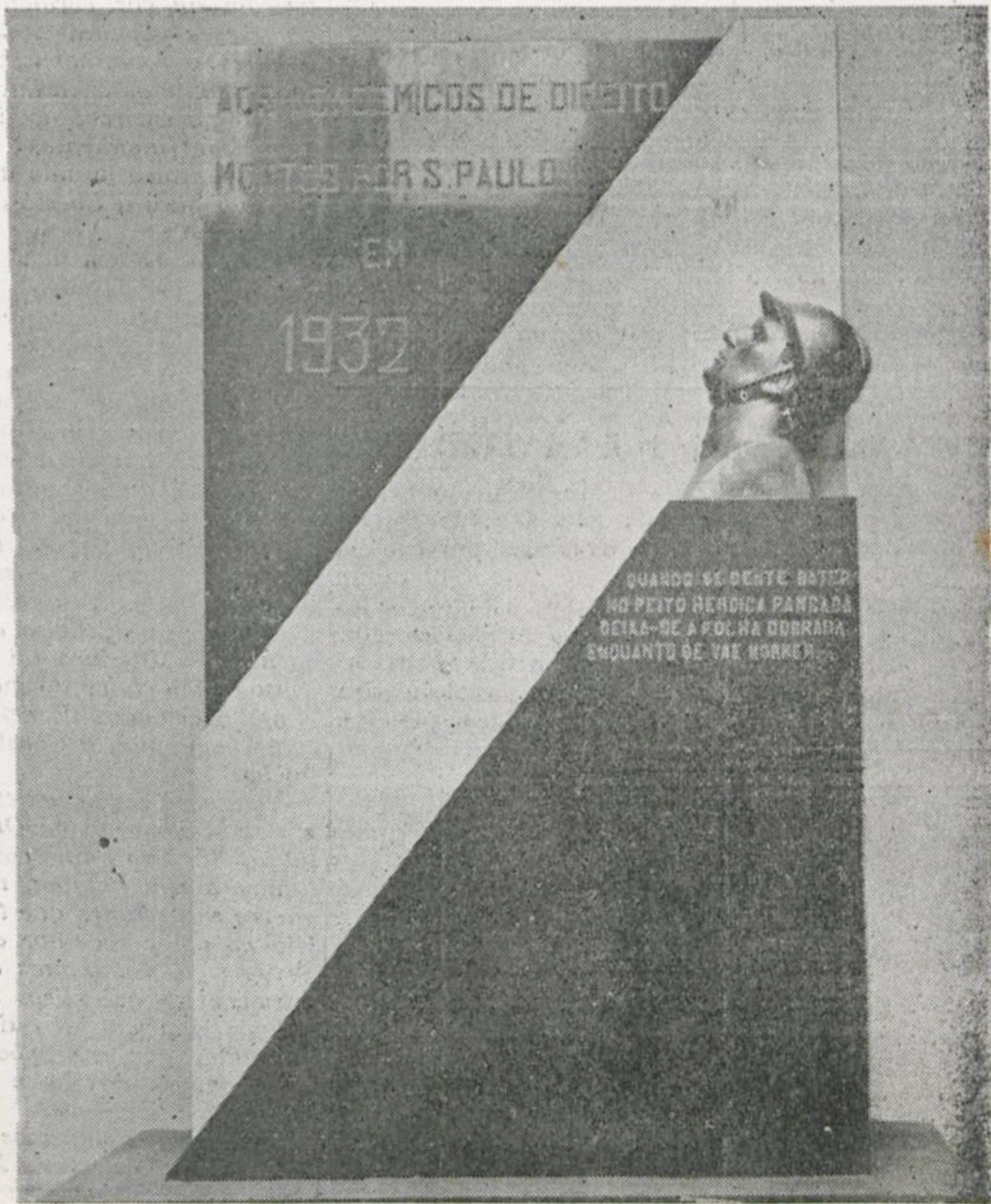
Palavras dirigidas a muitos mortos e a poucos vivos.

O Nove de Julho foi esquecido. Porque não significou uma luta pela lei e pela Constituição mas uma luta pelo seu Espírito; e esse Espírito vai longe, muito mais longe do que pode alcançar a visão curta dos pequenos homens. Os homens que aderiram, que transigiram, que traíram porque isto lhes pareceu muito mais vantajoso do que continuar fiéis aos ideais de 32.



Tocados de ardor cívico, os moços da Faculdade de Direito empunharam as bandeiras de São Paulo e do Brasil e marcharam com o povo para o Palácio do Governo.

## HOMENAGEM DA ACADEMIA AOS SEUS MORTOS DE 1932



No mármore simbólico, a Academia perpetuou a memória daqueles que deixaram os bancos para morrer sob a metralha da ditadura.

Eles eram jovens, guardavam no íntimo um mundo de sonhos, mas tinham no peito a flama do ideal.

**JOSE' MARIA DE AZEVEDO**

*É grato morrer quando se morre por um ideal!*

**CEZAR PENNA RAMOS**

*Ah! Que bela é a vida num mundo de liberdade e de justiça!*

**JOSE' PREISZ**

*Mais doloroso do que morrer é viver agrilhado.*

**ARGEMIRO ALVES SYLVESTRE**

*Quando é nobre a causa e o peito heróico é agradável o sacrificio.*

**ARY CARNEIRO FERNANDES**

*O herói morre com um sorriso na face e a alegria no coração!*

**NÉLIO BAPTISTA GUIMARÃES**

*Os moços partiram da Academia. Fecharam os livros, despediram-se de tudo quanto amavam... e foram morrer!...*

**HERMES DE OLIVEIRA CEZAR**

*Amaram São Paulo, amaram o Brasil, amaram a sua gente! E por eles morreram!*

A Revolução de 30 fôra traída por brasileiros que esqueceram o Brasil. A Revolução de 32 foi traída por paulistas que esqueceram o Brasil; porque o estômago está muito mais perto do coração do que a terra da Patria que os pés pisam, mas que não sentem porque são cegos e são insensíveis. E veio a pilhagem. E a pilhagem continua. 32 está longe e é fácil esquecerlo. A terra é grande e rica. Seu povo é pobre. Há imagens desoladoras de miséria e de tristeza nos campos que a terra não molha nem a lágrima humedece: porque não há lágrimas. Há cidades grandes, grandes de luxo e grandes também em miséria urbana, essa triste miséria

dos homens que dormem à escada das igrejas, ironia de um Cristo esquecido, aquele mesmo Cristo que inspirou a conquista da terra virgem em nome de El Rey. Há terras que foram libertadas no passado mas não foram distribuídas no presente. Terras de poucos homens. Há prisões também para os que roubam pão. A ditadura foi uma escola de crimes e uma Universidade do roubo. seus doutores mais ilustres andam por aí a pregar redenção; até as palavras não tem mais sentido, porque o crime é usado no sentido de virtude, e a virtude é escondida para que não inspire riso. Nas Camaras Legislativas fazem-se leis, sim; a qualquer

preço. A Justiça Social é evitada por aqueles homens que detestam as revoluções. Mas há uma solução: a única e a última. A solução que viria daqueles homens que, vivos, não caíram depois de 32. O significado do Nove de Julho vai muito além da visão curta dos que o traíram porque não puderam entender ou dos que o entenderam mas acharam mais fácil traí-lo. E continuam vivas as palavras do cronista de 32.

«Aos paulistas que, mortos, caíram em 32

Aos paulistas que, vivos, não caíram depois de 32.

CENTRO ACADEMICO

XI DE AGOSTO

ORDEM DOS 400

VICTOR AUGUSTO FASANO